

RÉQUEIM PARA O ASSASSINO. E PARA AS CRIANÇAS MASSACRADAS.

Afonso H Lisboa da Fonseca, *psicólogo.*

Dedicado a, e em memória de Homer Lane, W. Reich, A.S. Neill, K. Goldstein, Erich Fromm, Carl Rogers, Fritz Perls, Paulo Freire, e F. Nietzsche.

Conteúdo

Introdução	2
1. IMPOTÊNCIA.....	4
1.1. POTÊNCIA CRIATIVA DO DEVIR, E MAIS POTÊNCIA; AFIRMAÇÃO, CRIAÇÃO, ALEGRIA E SAÚDE;	4
1.2. IMPOTÊNCIA, NEGAÇÃO, NIILISMO, RESENTIMENTO, CULPA, IDEAL ASCÉTICO, VINGATIVIDADE, DESTRUTIVIDADE. <i>VIDA VIRTUAL</i>	5
1.3. SIMULAÇÃO DA POTÊNCIA QUE DECORRE DA IMPOTÊNCIA E DO NIILISMO	15
1.4. USINAS DA IMPOTÊNCIA, DA AUTO REPRODUÇÃO DA IMPOTÊNCIA, E DE SUA PERPETUAÇÃO; E O CASO DE WELLINGTON.	17
1.4.1. URBANIZAÇÃO	19
1.4. 2. DESVENTURAS DA HISTÓRIA	20
1.4.3. FAMÍLIA	28
1.4.4. ESCOLA	29
1.4.5. RELIGIÃO	35
1.5. ERAM PROFUNDAS NO AUTOR DO MASSACRE AS MARCAS DO SOFRIMENTO E DA INFELICIDADE. ERAM PROFUNDAS E ELOQUENTES AS MARCAS DA IMPOTÊNCIA; AS MARCAS DO RESENTIMENTO, DA CULPA, DO IDEAL ASCÉTICO; DA VINGATIVIDADE, DA DESTRUTIVIDADE. NEM A ESCOLA, NEM A SOCIEDADE, PUDERAM TRANSMUTÁ-LAS. MAS PUDERAM POTENCIALIZÁ-LAS, E ADENSÁ-LAS, AO NÍVEL DA FATALIDADE.	38
1.7. SEIS COMUNIDADES DE APOIO AO AUTOR, E A SEU MASSACRE NA INTERNET...	40
2. O GRANDE PODER DE FOGO	40
Conclusão	43

Introdução

Aparentemente, o massacre das crianças na escola do Rio de Janeiro evidencia uma grande força. O autor do massacre aparentemente demonstra uma grande força... Coturnos militares, porte militar, roupa severa, armas, sisudez, decisão...

Para trucidar crianças...

Catastroficamente bizarro.

Na verdade, a aparência de força apenas explicita a impotência. Sob a forma específica de uma *simulação de potência*. Simulação de potência que a impotência cronificada, curiosamente, engendra. É só uma pose, superficial, ancorada num grande poder de destruição. A serviço da vingatividade, e da destrutividade. Engendradas pela deterioração da potência, em impotência cronificada, pela degeneração da potência na impotência do niilismo, e do ressentimento.

Vemos apenas, exemplarmente, assim, a efetivação das forças deterioradas da impotência, a grande destrutividade, o grande poder de destruição, a grande vingança; essenciais e intrínsecos ao niilismo e ao ressentimento, que intrinsecamente derivam da impotência.

A impotência, o niilismo, e o ressentimento decorrentes da, e intrínsecos, à habitual rejeição e **negação da vida**, à intrínseca e habitual **negação do mundo**, à intrínseca e habitual **negação do outro**.

Pelas perorações de Zaratustra, Nietzsche exortaria: ... *permaneçei fiéis à terra...*

permaneçei fiéis à terra com o poder de vossa virtude! Que o vosso amor que dá, e o vosso conhecimento, sirvam o sentido da terra! Isso vos peço, e vos conjuro.

Não permitais que a vossa virtude deixe as coisas terrestres e se afaste para os muros eternos! Oh! Houve sempre tanta virtude desencaminhada!

Tal como eu faço, trazei de novo para a terra a virtude desencaminhada no seu voo -- trazei-a para o corpo e para a vida: para que ela dê à terra o seu sentido, um sentido humano!

(op. cit. p. 73).

A impotência e o niilismo -- nas suas formas vingativas de ressentimento, de culpa, e do ideal ascético --, são os resultados da sistemática e insidiosa recusa à vida; são os resultados da sistemática e insidiosa negação da vida, da negação do corpo, da negação do outro, e da negação do mundo; da negação de seus sentidos, da nega-

ção dos modos originários de sua de sua vivência, como potência, como sentido, como alteridades, e como parceiros dialógicos da ação.

A impotência e o niilismo são os resultados da negação da potência, da negação da vontade de possibilidade, da força de possibilidade; que são próprias e intrínsecas ao nosso modo mais originário de ser. O modo de sermos da vivência fenomenológico existencial, pré-reflexiva, dialógica, implicativa.

A impotência e o niilismo se constituem nas formas ocas, e simulativas, dissimulatórias, dissuasórias, de uma **vida virtual**.

Vida virtual na qual a pessoa -- que nos seus modos mais originários de ser é ontologicamente potente para **acontecer** -- se investe numa recusa à potência, à ação, ao acontecer.

E cultiva uma vida (de)generada, e lambuzada obsessivamente no **acontecido**. Uma vida (de)generada e lambuzada na impotência e no niilismo. Incontornavelmente marcada, assim, pelo *ressentimento*, pela *culpa*, e pelo *ideal ascético*: as formas do niilismo. Que se colocam então em lugar, e substituem, a ação criativa.

No lugar da potência, e do retorno da potência, da ação, do acontecer -- que resultam em, e são resultantes, de uma vida criativa, de uma vida afirmativa, alegre, e saudável --, no lugar da potência, a vida chafurda então na impotência da repetição *ad nauseum* das formas ocas, e impotentes, do acontecido. Em função da recusa sistemática e insidiosa, da negação da potência da vida, em seus modos mais estéticos e fenomenológico existenciais.

A profundidade, a cronicidade, e a deterioração da potência -- em impotência, e em suas implicações, a partir da negação das formas mais originárias da vivência fenomenal -- determinam a predominância da *reatividade*, no lugar da *atividade*. Em específico, e mais basicamente, o reforçamento da sistemática e massiva, habitual, negação da ação, a negação da potência que se constituiria na ação. A prevalência do niilismo, nas suas formas vingativas de ressentimento, e de culpa; e nas formas alienadas do ideal ascético.

O cultivo, assim, de uma *vida virtual*. Intrínseca e eminentemente impotente, reativa e ressentida; repetitiva.

Ao invés da vida como ação, como *criação*, como alegria, e como saúde. Ao invés da vida como *atualização* da potência das possibilidades fenomenologicamente vividas, em suas própria e intrínsecas intensidades plásticas.

Com isso, o cultivo da impotência da vida virtual constituindo-se -- como na condição do autor do massacre de Realengo -- como a predominância da potência negativa: a predominância impotência das formas do niilismo. Com o seu inevitável carregamento de vingatividade, e de destrutividade.

É esta *a fina flor* da sistemática negação da vida. Da negação do corpo, da negação dos sentidos, da negação da vida fenomenológica e ativa, da negação da potência, da negação da ação; a *fina flor* da reatividade, da loucura vingativa, do ressentimento, da culpa, do ideal ascético -- que Nietzsche desvendou. Como observou Deleuze.

Alguns aspectos, assim, se destacam na condição do autor do monstruoso massacre das crianças, na escola do Rio de Janeiro. Uns comuns, em geral, a todos os autores de massacres; outros, particulares ao autor do massacre de Realengo, e à nossa cultura.

(1) Sobressai, assim, a impotência inexoravelmente cultivada, e o niilismo resultante, nas suas formas vingativas e destrutivas de ressentimento, de culpa, e de ideal ascético;

(2) A profunda, crônica e deteriorada impotência, é investida numa bizarra e brutal **simulação de potência**. Virtual. Um investimento que é comum nessas condições, de impotência e de niilismo cronificados;

(3) A articulação fatídica, que é também comum nesses casos, da impotência e do niilismo -- em suas formas, de ressentimento, de culpa e do ideal ascético -- com a disponibilidade de um alto poder de fogo, um alto poderio bélico, materializado pela disponibilidade de potentes armas de fogo.

1. IMPOTÊNCIA

1.1. POTÊNCIA CRIATIVA DO DEVIR, E MAIS POTÊNCIA; AFIRMAÇÃO, CRIAÇÃO, ALEGRIA E SAÚDE;

Ontologicamente, enquanto humanos, somos e vivenciamos força, no modo originário de sermos, fenomenológico existencial e dialógico; somos, e vivenciamos, potência. E, por implicação, somos ontologicamente criadores, criativos, em nosso funcionamento ótimo. Com a atualização da potência, na ação. *À imagem e semelhança de Deus*.

Dá-se a vivência da potência, das possibilidades, intrínseca e especificamente, em nosso modo fenomenológico e existencial de sermos. No qual vivenciamos as possibilidades como forças, que compreensivamente se desdobram em ação, em criação. Com os seus corolários de alegria, e de saúde -- a *grande saúde* de que nos fala Nietzsche.

Esta potência e força da possibilidade não é força bruta. É força plástica, que se atualiza, e se capilariza aos detalhes, em criação.

Criação que, por seu turno, engendra em nossa vivência a alegria, e a saúde. Em particular porque, força que produz mais força, a sua conclusão potencializa *o retorno* da potência, de mais potência criativa, de mais saúde, de mais alegria – que se configuram em uma super abundância de forças de vida. Portadoras estas de mais criação, de mais alegria, de mais saúde, e, em particular, de mais força, de mais potência, criativa, e saudável. A atualização das quais nos faz mais criativamente potentes, mais alegremente potentes, mais saudavelmente potentes...

Em termos humanos, assim, a força, a potência, a alegria, a saúde, que vivenciamos em nosso modo fenomenológico existencial de ser, são em específico a potência, a força e a saúde que se atualizam como criação.

Potência, pois, que não é força bruta. Mas o refinamento, e a refinação, de uma força plástica, criativa, até a capilarização dos últimos detalhes estéticos do bom gosto da criação, como prazer estético, como alegria, e como saúde.

É a sucessiva atualização desta potência que nos atualiza, e que nos potencializa. E em nós potencializa a alegria e a saúde. Que se oferecem, assim, a mais experimentação, a mais potência, e mais criação.

Intrínseca, naturalmente, a inerência da finitude, e do sofrimento, com a finitude de cada momento criativo. O que potencializa o retorno da força, e a disposição tentar, e arriscar, apesar da incerteza contingente...

1.2. IMPOTÊNCIA, NEGAÇÃO, NIILISMO, RESSENTIMENTO, CULPA, IDEAL ASCÉTICO, VIDA VIRTUAL. E A INERÊNCIA DA VINGATIVIDADE E DA DESTRUTIVIDADE.

A impotência, pois, é a impotência para criar. E, que lhe é decorrente, a impotência para a alegria, e para a saúde, a grande Saúde, da promoção de uma super abundância de forças de vida. A impotência para a afirmação da potência, e para a afirmação do retorno da potência, com o engendramento, que lhe é intrínseco, de uma super abundância de forças de vida.

Ocorre, assim, que a vivência sucessiva da potência criativa engendra, sempre e sempre, mais potência criativa, e mais criação, alegria e saúde; concomitantemente, mais potência criativa, com o retorno da potência. Como criação, alegria e saúde.

A impossibilidade habitual da vivência da afirmação e da atualização da potência, na ação criativa -- a sistemática negação, em particular, do corpo, dos sentidos, a negação da vida -- não engendra

mais potência; interdita, e inviabiliza o retorno da potência; e assim, interdita e inviabiliza o retorno da potência criativa, o retorno da alegria, e da saúde – a grande saúde da promoção de uma super abundância de forças de vida.

E, efetivamente gera, assim, cada vez mais, impotência.

É assim porque o retorno da força da vida, o retorno da potência, da possibilidade, da vontade (força) de possibilidade, carece da finitude -- e inclui o sofrimento que esta finitude implica. De modo que é só a sua afirmação, incluindo a afirmação da inevitável finitude, em suas intensidades próprias, e de seu intrínseco sofrimento, que habilita e desencadeia a potência do retorno.

Assim, se não há afirmação da vida, nos níveis de sua vivência mais primitiva, pré-reflexivos, fenomenológicos, e existenciais, não há a afirmação da finitude e do sofrimento: também não há a potencialização do retorno da força da vida.

Covarde, e vã, omissão. Nietzsche, e nossa vida, nos advertiriam de que, enquanto humanos, não temos a prerrogativa de não nos finarmos, de não finarem os momentos existenciais, e de não sofrer. Não podemos nos furtarmos ao sofrimento.

A vida, em particular o retorno da força criativa, alegre, e saudável da vida, nos incita, e exigem, à afirmação saudável e potente da finitude e do sofrimento – para a potencialização de seu retorno, a afirmação da vida em sua originalidade pré-reflexiva própria. Nietzsche nos advertiria de que, obviamente, não temos, enquanto humanos, a prerrogativa de não sofrermos, e de não incorporarmos o sofrimento. Apenas podemos optar -- nos momentos dos sofrimentos e das finitudes inevitáveis -- de sofrer, e finarmo-nos, na impotência – com as sequelas da loucura vingativa do ressentimento, da culpa, e do ideal ascético --, ou sofrermos e finamo-nos com uma superabundância de forças de vida, potencializando o retorno das forças originárias de vida, e suas implicações de saúde existencial, e alegria.

O retorno da potencia, a potenciação, é correlativa e proporcional à afirmação da potência, à afirmação da vida. Não havendo afirmação, e atualização da potência: a afirmação da vida ao nível de sua vivência mais originária, não se dá nem a atualização da potência, nem o retorno. O *eterno retorno*.

De modo que a potência do retorno, e da atualização, decorre da afirmação. Decorre de uma vida afirmativa, que se constitui como criação.

Na negação da vida, na sistemática recusa à afirmação da vida, a criatividade, a alegria a saúde não se potencializam.

Nas condições da negação, potencializados são a impotência, o niilismo -- em suas formas de ressentimento, de culpa, de ideal ascético. Com suas intrínsecas características de loucura vingativa e de

destrutividade. *Sublimada* a potência, se consolida a impotência de uma *vida virtual* – que, intrínseca e necessariamente, carece da vingança e da destrutividade para se justificar; já que não se justifica e abona pela alegria e pela saúde da criação.

Ao invés da vida potente -- da vida potente para a afirmação da potência; inclusive, e em particular, a vida potente para a afirmação da potência do sofrimento e da finitude, na ação, na criação, no acontecer, a partir da força *presente* do possível --, a vida se conforma paulatina e progressivamente ao *acontecido*, ao fato, ao fatalismo, à fatalidade; e se funda cada vez mais no *acontecido*, na sua perene e mecânica repetição, frequentemente com pomposas formas de adorno artificiais.

De modo que a *vida virtual* e as suas decorrências, mecânicas e fatalistas, vingativas, e destrutivas, a virtualidade, constituem-se, no vazio, como impotência para criar, para o vir a ser, para a alegria e para a saúde do vir a ser, e do acontecer.

Simultânea, e efetivamente, a vida virtual é, em essência, o próprio substrato para o niilismo. Que, dela nutrido, assume as formas de ressentimento, de culpa, e de ideal ascético. A *vida virtual*, e a *virtualidade*, são, especificamente, o substrato próprio para a vingatividade, para a vingança cega e irracional, para a destrutividade -- contra o outro, contra o criativamente forte, contra o ativo, contra o vivo, e contra si – que são característicos do niilismo.

Como Nietzsche observou, o ativo, o afirmativo, o criativo, se absorve e se abona, e liberta, no vir a ser, no acontecer, da afirmação fenomenológica, pré-reflexiva, da vivência de possibilidade, da vivência, *presente*, de potência; na afirmação da afirmação, na ação, na atualização, na criação; na alegria, e na saúde decorrentes.

Negativo, o *reativo*, não pode se investir, e absorver, na afirmação do vir a ser da *presença* da afirmação da potência. Ele nega a potência. Seu moralismo contra natural, como o Nietzsche revela¹, ao negar a afirmação da potência, carece de investir-se em duas negações, para fazer uma simulação de afirmação: *a negação de si, como negação da potência*; e *a negação do outro*. A negação do forte, do criativo, do vivo. Constituindo-o como ruim. Uma ruindade constituída, que permite, agora, e só agora, ao reativo, e negativo, que a ele se compare, *et pour cause*, que se entenda como *bom*. E vingativo contra o forte, contra o criativo, contra o ativo. A quem buscará destruir, para validar a sua *bondade*...

¹ NIETZSCHE, F. *Para além do Bem e do Mal*.
Assim Falava Zaratustra.

Assim, a potência negada, não atualizada -- investida numa vida reativa, numa vida virtual -- "enlouquece", ensinou Zaratustra². E se converte no seu contrário. Converte-se na *vontade de vingança*, e de destruição, no azedume, no *enfazamento* crônico, e na vingatividade crônica, e insaciável, do niilismo, nas suas formas de ressentimento, de culpa, de ideal ascético.

Formas do niilismo que não se libertam pela criação. Mas que se vingam, e destroem, a si, aos outros, ao mundo.

Nietzsche, falando aos homens superiores, através de Zaratustra, observa:

*Vontade** -- assim se chama o libertador e o mensageiro da alegria: foi isso que vos ensinei, meus amigos! Mas agora aprendei também: A vontade, ela própria, ainda é prisioneira.
 O querer liberta: mas como chamar o que mantém o próprio libertador acorrentado?
 'Aconteceu': tal é o nome do ranger de dentes da vontade e da sua mais solitária tristeza. Impotente relativamente a tudo que está feito -- a vontade é muito mau público para todo o passado.
 A vontade não pode querer voltar atrás: ela não pode quebrar o tempo e o desejo do tempo -- e isto é a sua tristeza mais solitária.
 O querer liberta: que imagina a vontade para se libertar da sua tristeza e desprezar o seu cárcere?
Oh! Todo prisioneiro se torna louco! A vontade, prisioneira, liberta-se também pela loucura!
 E a sua raiva é que o tempo não volta atrás;
 'Aconteceu', assim se chama a pedra que ela não pode deslocar.
 E, por raiva e por despeito, levanta pedras e vinga-se naquele que não experimenta como ela raiva e despeito.
 Deste modo, a vontade que liberta torna-se malfeitora: e vinga-se em tudo o que pode sofrer, pelo fato de não poder voltar atrás.
 Isto, e somente isto, é a própria vingança: a antipatia da vontade a respeito do tempo e do seu 'Aconteceu'.
 Na verdade, a nossa vontade é habitada por uma grande loucura; e para maldição de tudo o que é humano, esta loucura aprendeu a ser espírito.

² NIETZSCHE, FREDERICH *Assim Falou Zaratustra*. pp. 137-9.

* Força e potência criativas, força de possibilidade, vontade de possibilidade.

O espírito de vingança: este, meus amigos, foi, até ao presente, o melhor pensamento do homem; e onde quer que tenha havido sofrimento sempre se tornou necessário um castigo.

'Castigo', na realidade é o próprio nome da vingança: simula uma boa consciência com uma palavra mentirosa.

E, como há sofrimento naquele que quer, porque não pode querer voltar atrás, a própria vontade e toda a vida deveriam ser -- um castigo!

E eis que as nuvens se acumularam sobre o espírito: até que finalmente a loucura proclama: 'Tudo morre porque tudo é digno de morrer!'

'E esta lei que quer que o tempo devore os seus filhos é a própria justiça': assim proclamou a loucura.

'As coisas estão ordenadas moralmente segundo o direito e o castigo. Oh! Onde está a libertação do curso das coisas e do castigo da existência?' -- assim proclamou a loucura.

'Poderá haver uma libertação se há um direito eterno? Oh! Ninguém pode levantar a pedra do que aconteceu; e todos os castigos devem ser eternos!' -- assim proclamou a loucura.

Nenhum ato pode ser destruído; como poderia o castigo anulá-lo? Isto, isto é o que há de eterno no castigo da 'existência'; que a existência tenha que continuar eternamente a ser ato e falta!

A menos que a vontade acabe por se libertar a si própria, e se transforme em não-querer; mas vós conheceis, meus irmãos, a fábula da loucura!

Zaratustra, reconhecendo-se, reitera a seguir os seus segredos e os seus caminhos, na afirmação da vontade. E reitera a sua crítica a uma cultura ainda prisioneira da vontade negativa: do ressentimento e da culpa, do ideal ascético, do niilismo, da vingatividade, e da destrutividade consequentes.

*Eu vos levei para longe dessas fábulas ao ensinar-vos: o querer^{**} é um criador.*

Todo o 'Aconteceu' é um fragmento, um enigma, um terrível efeito do acaso -- até ao momento em que a vontade criadora acrescenta: 'Mas foi assim que eu quis!'

^{**} A vontade, a força criativa, a vontade de potência, vontade de possibilidade.

Até ao momento em que a vontade criadora acrescenta: 'Mas é assim que eu quero! Assim que hei de querer!'

Mas alguma vez falou assim? Quando o fará? A vontade deixa de estar atrelada a sua própria loucura?

Tornou-se a vontade já o seu próprio redentor e mensageiro da alegria? Esqueceu ela o espírito de vingança e todo o ranger de dentes?

E quem lhe ensinou a reconciliação com o tempo e alguma coisa de maior que qualquer reconciliação?

A vontade, que é vontade de poder, deve querer alguma coisa de maior que todas as reconciliações: mas como o irá fazer? Quem lhe ensinou a querer restabelecer o passado?

Nietzsche não poderia fazer melhor diagnóstico do caráter do autor do massacre do Rio, e de todos os impotentes e covardes perpetradores de massacres.

Cumpre-nos mantermo-nos distantes das bizarras, e batidas, explicações que se restringem à interpretação de fatores intrapsíquicos no tresloucado gesto. Frequentemente tão empoladas, quanto batidas, e levianas, e empoladamente pseudo científicas...

Na infeliz vida familiar, social, escolar, histórica, do autor do massacre, certamente muitos dos germes de seu comportamento.

Mas é necessário entender como fatores sociais e culturais complexos perpassam e penetram, se mediatizam e se particularizam, no caráter particular do assassino do massacre. Como se constituem socialmente a vingatividade, a destrutividade, o ressentimento, a culpa, o ideal ascético; o niilismo enfim, que o autor do massacre de Realengo tão sobejamente exemplifica. Cumpre-nos forçosamente, assim, na apreciação do episódio, uma genealogia do niilismo, e de seu séquito maldito de vingança e de destruição monstruosas. Por consideração e respeito às crianças mortas, por consideração e respeito às famílias, à sociedade. E ao criminoso.

Mais respeito pelo assassino, e por sua vida catastrófica. Pelo menos para entendê-lo. Ele não é, naturalmente, o único culpado de um processo mais amplo de produção da impotência, e do niilismo. Do qual ele é apenas um momento paroxístico.

E para entender, em particular, como o eterno retorno da potência não foi suficiente nem adequado para superar as marcas de sua vida infeliz; e para engendrar uma vida criativa, que pudesse reverter a maré montante da infelicidade, da inadequação, do niilismo,

do ressentimento, da vingatividade, da destrutividade, da culpa, e do ideal ascético...

Em particular, para indagar, o autor e seu massacre são um episódio isolado? Ou são sintomáticos de padrões sociais que se constituem de modo cada vez mais intenso, disseminado, e preocupante?

O massacre de Realengo, o seu autor, em particular -- e os autores dos outros massacres, nos EUA, onde acontecem mais frequentemente --, são fenômenos isolados; ou são paroxísticos e naturais produtos lógicos de tendências da sociedade. Fundadas estas na negação sistemática e intensa da vida vivencial, do corpo, dos sentidos? E nas suas implicações, pessoais e sociais?

Assusta perceber que as tendências sociais que preconizam, ou condicionam, ou determinam, as atitudes de negação da vida se disseminam de um modo intenso. E que a impotência e o niilismo consequentes se espalham na mesma proporção. Felizmente, em particular, na cultura Brasileira, sabemos da quantidade, e da qualidade das tradições sociais que se fundam na afirmação. Serão suficientes? Podemos esperar uma transmutação no caráter de instituições que se esmeram em negar a vida, no âmbito de nossa história, da vida familiar, da sociedade civil, da escola e da educação formal e informal, das religiões, e da cultura de um modo geral?

Assusta perceber que, mesmo não sendo usuário, o caráter do autor do massacre de Realengo e os caracteres que potencializam a epidemia da dependência ao abuso de *crack*, por exemplo -- e de outras dependências, químicas, e não químicas --, não são apenas contemporâneos, sem conexões.

O consumo de crack é epidêmico, e podemos trazer outros padrões adictivos inquietantes da cultura de nossa modernidade. Como a adicção ao álcool e a todo tipo de substâncias psicoativas, a adicção ao computador, e ao predomínio desta adicção e de sua cultura como organizadores da vida pessoal; a adicção ao trabalho, a adicção à corrupção e ao roubo institucional, a adicção ao consumo, a adicção ao *ter* em detrimento do *ser*, a adicção obsessiva à atividade física...

Todos esses processos, na verdade, têm conexões intrínsecas, e intrínsecas determinações comuns. Na verdade, têm a disseminação da impotência, e de suas sequelas, como denominadores.

A consequência da produção massiva da impotência.

Não só a produção dos mecanismos de promoção, e de produção, da impotência. Mas a sofisticação desses mecanismos, e das instâncias de sua auto reprodução, de sua perpetuação; e da perpetuação de suas implicações. A impotência e o niilismo -- nas suas formas

de ressentimento, de culpa, e de ideal ascético. A autorreprodução, e perpetuação, de suas intrínsecas características, de substituição da vida saudável, de potencialização da vingatividade -- contra o corpo, contra a vida, contra o outro, contra o mundo. A potencialização da destrutividade, a potencialização da violência. A produção massiva da violência, em substituição à agressividade saudável.

No caso da devastadora epidemia de crack com que nos defrontamos, tratam-se naturalmente de dois tipos diferentes de impotência e de sua produção, manutenção e reprodução... Diferença que é preciso considerar.

A) A impotência da criança e do adolescente abandonado, e em situação de rua... Só Deus, e eles, sabem em quanto montam as degenerações, formas e morbidades desta impotência --, e a fome e insegurança alimentar. A potencializarem a impotência, e a auto medicação da fome, e da impotência, pelo abuso de crack, e por suas desorganizadoras, e mortíferas implicações.

B) Mas, a epidemia do abuso de crack não atinge, apenas, o abandono dos menores em condições de rua. Ela atinge a menores, e maiores, das classes médias, e das classes aquinhoadas. E aí, evidentemente, as manifestações da impotência são de outra ordem. E mais puras e refinadas enquanto tais. Assim como nos casos das outras formas da impotência, que determinam a multiplicidade das adicções, químicas, e não químicas.

Em qualquer dos casos, não obstante, o sentido motivador do consumo de crack, e do desencadeamento de sua dependência; e o sentido motivador do consumo de outras dependências modernas, e o seu denominador comum e consequência, é a impotência. E suas sequelas. Em particular uma sempre maior produção de impotência.

O consumo de crack, e mesmo de cocaína, anfetaminas, etc., é muito revelador. O crack é uma droga da "potência". É o mais potente estimulante do sistema nervoso central. Ao contrário da cocaína -- que é normalmente administrada pela pequena área da mucosa do nariz, de tênue vascularização, em comparação com a árvore brônquico alveolar do pulmão através do qual o crack, não como pó, mas como fumaça, é administrado. Em grande quantidade, e em forte contato e interação com o sangue circulante, que ao pulmão vai, à busca do oxigênio. A absorção é intensa, rápida, e em grande quantidade.

O *teco* -- da substância chegando ao córtex cerebral e aos núcleos da base do cérebro -- é efêmero. Mas é intenso. A dilatação e contração, e esclerose, dos vasos cerebrais, também. E o indivíduo sente-se não uma potência divina, mas a potência do próprio Deus.

A permanência residual da droga no corpo mantém ainda por algum tempo esta sensação de potência. O indivíduo define, enquanto assume uma postura cada vez mais simulativamente *potente*.

O consumo de crack se constitui especificamente, assim, como uma auto medicalização da impotência. *Um tempo para não ser eu e as minhas circunstâncias, e o que fizeram de mim*. Um tempo para não ser as consequências da impotência degenerada, e degenerativa.

Aparentemente, segue a mesma lógica o desencadeamento de todas as outras dependências.

Basta vermos as proporções da epidemia do abuso de cocaína crack, de cocaína, e de outras dependências adictivas para vermos as extensões da epidemia de impotência. A terrível impotência, constituída pela exclusão histórica, dos meninos em condições de rua; e a impotência dos meninos, jovens, e adultos de classe média e alta, constituída, e potencializada, pela história, pela família, pela escola, pela religião, pela educação formal, e informal. Que envolvem tendências preocupantes de negação da vida vivencial e criativa, do corpo, os sentidos; que se esmeram em assumir uma atitude negativa contra a vida em sua originalidade estética. E que com isso militam cotidianamente nos meandros da produção da impotência.

O autor do massacre de Realengo não era um dependente de crack, ou de qualquer outra substância. Mas foi pesadamente constituído pelo influxo de tendências e condições geradores de pesada impotência. Até que esta degenerasse em virulenta vingança e destrutividade.

Nas condições da impotência, vemos, natural implicação, o crescimento exponencial da violência, enquanto decresce a agressividade saudável.

É interessante observar que o autor do massacre do Rio não foi uma criança em condições de rua, não foi um jovem e um adolescente em condições de rua; assim como não o foram, nem são, o(s) que perpetrou(aram) a tentativa de massacre em Santos, no Domingo seguinte, ou os que criaram e participam das seis comunidades na Internet em apoio ao massacre; ou os que massacram, sempre muito covardemente, os torcedores de torcidas adversárias; ou os que trucidam miseráveis que habitam as ruas.

É certo que sua vida e suas origens tiveram episódios desafortunados e difíceis. Mas a questão é, por que a contínua e forte presença da potência ontologicamente humana não pôde superar essas marcas? E, em particular, por que se firmou de um modo tão intenso a vontade negativa, o niilismo, o ressentimento...

O episódio do massacre de Realengo, os episódios dos outros massacres, as dependências todas apontam para a necessidade de nos preocuparmos com a impotência que é, aparentemente, cada vez

mais produzida por padrões sociais específicos de negação sistemática da vida.

Possivelmente, o desenvolvimento da vida urbana, e o afastamento dos limites naturais, determinam condições precárias para a afirmação natural da vida, e a perda de oportunidades para os desafios dos enfrentamentos nas relações com o ambiente natural e com seus elementos, em suas singularidades, complexidades e multiplicidades. As experiências tendo como parceiros alteritários e dialógicos o mundo do ambiente natural, e seus elementos, nos permitem saudavelmente disfuncionar no modo fenomenológico existencial. No qual vivenciamos a potência, a possibilidade, e o seu desdobramento na ação, a atualização da potência, a atualização da possibilidade.

Com a urbanização, a humanidade tem um grande desafio.

Como manter a natural e ontológica vivência da dialógica com a alteridade que o ambiente natural propicia; e, com isso, como manter a atualização natural da potência, da possibilidade, nas condições do meio urbano?

Poderia não ser difícil, se, paralelo ao afastamento dos limites naturais, não houvesse, também, o desenvolvimento da insidiosa negação do mundo; se não houvesse, tão frequentemente, o desenvolvimento de uma negação da dialógica do corpo; se não houvesse o desenvolvimento da negação da dialógica com os outros humanos; e com o sagrado. Como formas de negação da vida – frequentemente travestidas de bizarras formas de religiosidade, de moralismo, de idealismo, de cientificismo, de civilização... Muitas das quais, em suas formas religiosas, já levariam Nietzsche a observar: *amor demais a Deus, e amor de menos aos homens...*

Bizarras e sinistras as desvairadas perorações religiosas do autor do massacre de Realengo, na véspera de trucidação das crianças.

Há, na vida moderna, uma tendência à homogeneização, à padronização, e para o desenvolvimento de um *conformismo de autômatos*, como dizia Fromm. Nas formas de negação da vida, nas formas de negação do corpo, e dos sentidos, nas formas de negação dos modos de sermos da potência, estão as formas de estereotípias e de negação do outro. As formas de evitação da dialógica com o outro, com o diferente.

A dialógica com a alteridade do outro é oportunidade provocativa para a experiência e experimentação ao modo vivencial, fenomenológico existencial de sermos. Modo de sermos da vivência da potência, de seu desdobramento em ação atualização; e potencialização. Pressupõe uma saudável agressividade. Que, atualizada, previne a violência.

O que observamos, como mencionamos, é a saudável agressividade da ação ser substituída massivamente pela reles violência. Em formas cada vez mais brutais.

Na negação, e alienação da vivência do corpo ativo, interpretativo -- na vivência da multiplicidade performática dos sentidos, na ação, e na atualização – dá-se a restrição ao modo fenomenológico de sermos. Com o concomitante privilegiamento dos modos *explicativos* de sermos: o modo teórico de sermos, e o modo comportamental.

A dialógica da vivência afirmativa, e atualizativa, do próprio corpo é uma das formas da relação potente e potencializante com a outridade, da relação com o diferente, alteritário, e potente, possível. A dialógica **eu-Tu corpo** é vivência da potência, da possibilidade, e da ação, da atualização. E, como tal, de efetiva potencialização.

A alienação do corpo é alienação e impotência e niilismo com relação ao corpo; é alienação na relação com ambiente natural, é impotência e niilismo na relação com o ambiente natural; é alienação na relação inter humana, é impotência e niilismo na relação inter humana. E é justamente esta alienação que vemos grassar com a constituição e estruturação de condições e dispositivos sociais de negação da vida, de negação da vivência fenomenológica.

1.3. SIMULAÇÃO DA POTÊNCIA QUE DECORRE DA IMPOTÊNCIA E DO NIILISMO

Assim, a negação da potência, e a impotência, e niilismo, conseqüentes, induzem a uma aversão, e a mais negação, com relação ao modo de sermos dos sentidos, com relação ao modo originário de sermos da vivência fenomenológica dos sentidos, que é vivência de possibilidades e atualização. Que é vivência da ação, da atualização, como vivência e ação, atualização, das possibilidades, que são próprias deste modo fenomenológico de sermos.

Na verdade, há uma progressiva restrição do modo fenomenológico, existencial e dialógico de sermos da ação. Enquanto que a tendência leva a uma limitação cada vez mais restritiva e a uma super estimulação dos modos explicativos de sermos: o modo teórico, e o modo de sermos do comportamento.

Modos de sermos estes que são,

- (1) própria e especificamente, o modo de sermos da condição e da consciência de **espectador** – o modo teórico; e
- (2) o modo comportamental de sermos. Modo de sermos que, enquanto modo de sermos da atividade padronizada e repetitiva, é um modo de sermos da *desconsciência* progressiva, em função das necessidades da atividade repetitiva, e padronizada.

Modos naturais de sermos – o teórico, e o comportamental, modos *explicativos*, e não *implicativos*. Modos estes de sermos que não é o modo de sermos da ação. *Não são* modos fenomenológicos de sermos, *não são* modos de sermos da vivência fenomenológica de possibilidade, da potência. Não é o modo de sermos da ação, da atualização, e do retorno da potencialização da potência, da potencialização da vivência de possibilidade.

A restrição a estes modos ex-plicativos, não implicativos, de sermos -- o teórico e o comportamental -- não permitem a vivência de possibilidade, a vivência de potência, o seu desdobramento na ação, e a potencialização. Sendo, mais propriamente, a restrição a produtora, e a promotora, como vimos, da reatividade, da impotência, do niilismo – do ressentimento, da culpa, e do ideal ascético.

Caracteristicamente, o afastamento da relação com o ambiente natural, a evitação da relação com a alteridade do outro, e a involução da vivência fenomenológico existencial, e ativa, atualizativa, do corpo levam à impotência e o niilismo. A condição de impotência, e do niilismo, leva a e engendra a abstração de uma particular *simulação de potência*. A experiência da abstração de um simulacro de potência. Que nada mais é do que o mascaramento da impotência.

Estéril enquanto simulacro, e super estimulada, esta simulação da potência é o solo fértil, o substrato próprio para o desenvolvimento da vingatividade, para o desenvolvimento da violência, e da destrutividade.

É uma simulação cada vez mais arrogante, como se da arrogância dependesse para se justificar. No vazio da potência negada, do possível, da possibilidade negadas, a arrogância de uma potência simulada, e ostensiva em sua simulação, assume o controle.

Esta arrogante e ostensiva simulação da potência é muito característica da, e intrínseca à condição da impotência niilista. E completamente impregnada pelo ressentimento, pela culpa, pelo ideal ascético, e pela vingativa e destrutiva impotência que os origina e acompanha.

Bizarras, as covardes simulações de potência do autor do massacre do Rio -- e de todos esses impotentes, e altamente vingativos e destrutivos, perpetradores de massacres. Uniformes e armamentos de combatentes, poses e trejeitos marciais... Para trucidar crianças indefesas... O recurso às armas, a vingança, a destruição, são os recursos extremos de vivência esvaziada de potência. Que só pode se dar como recurso extremo de simulação de uma potência impotente para existir e para criar alegre e saudavelmente. E que, como tal, pode apenas destruir.

O massacre, o consumo de cocaína, de cocaína crack, assim como qualquer outro tipo de experiência de impotência da dependência adictiva -- e sua efêmera experiência de *dez minutos para não ser*

o que fizeram de mim --, são opostos polares da grande saúde de que falava Nietzsche. Da vivência da super-abundância de forças de vida que a condiciona, da vivência do eterno retorno da força de vida, da alegria, da criação, da potência, do eterno retorno auto alimentador da potência.

De modo que, quando vemos os massacres, cada vez mais brutais, as dimensões alarmantes da epidemia de crack, e o desenvolvimento de todas as outras dependências – químicas, e não químicas, não podemos nos furtar, não podemos contornar a inquietante constatação de que a nossa sociedade, para além de outros de seus aspectos produtivos, **produz** maciçamente a impotência. Aparentemente, de um modo crescente... Impotência que é auto medicalizada pelo crack, e por todos os outros consumos de drogas lícitas, e não lícitas, químicas, e não químicas. Com as implicações que conhecemos.

Poderíamos pensar o massacre como um momento similar ao do consumo de uma droga pesada? Mesmo que o autor não fosse usuário, e nada houvesse consumido?

Certamente que sim.

Monstruoso, e enormemente violento, caracteristicamente vingativo, e covarde, simulando um grande atentado, o comportamento do autor do massacre de Realengo apenas representa a impotência cronificada, deteriorada. E simula dramaticamente a potência, aí onde ela não retorna, nem se potencializa; aí onde ela se exauriu, e se exaure, adensa-se, e deteriora.

É que, quando avassala, a impotência não constitui, apenas, o nada e a falta de sentido, e a exaustão; mas constitui a simulação da potência. Simulação que tem como motores o ressentimento, a culpa, o ideal ascético do ressentimento. A vingatividade venenosa, a violência, a destrutividade.

1.4. USINAS DA IMPOTÊNCIA, DA AUTO REPRODUÇÃO DA IMPOTÊNCIA, E DE SUA PERPETUAÇÃO; E O CASO DO AUTOR DO MASSACRE DO RIO.

Apesar dos pesares, a sociedade, e a cultura, Brasileiras produzem saúde, potência, criação, de um modo muito significativo. Mesmo nos estratos menos favorecidos da sociedade.

É certo que a falta histórica de condições mínimas de sobrevivência para grandes segmentos da população é um agravo sério para a saúde psicológica e existencial. Mas, talvez seja curioso observar, não é daí que se originam as forças que se concretizaram no massacre de Realengo.

É curiosa, e preocupantemente, em estratos melhor aquinhoados da sociedade que a impotência endêmica parece lançar raízes, e prosperar. A partir de tendências da cultura, e de suas instituições, para cultivar valores, morais, atitudes, de negação da vida em sua originalidade vivencial. De negação, igualmente, do corpo, e dos sentidos. Com o intrínseco prejuízo para as pessoas de suas capacidades para a atualização da potência do devir, da potência criativa, da saúde, e da alegria.

Ingenuamente, algumas pessoas alegam o *bullying* que teria sofrido na escola, por exemplo, o desprezo das meninas, como fatores determinantes do gesto hediondo do rapaz, na escola em Realengo...

A questão é: em qualquer proporção que tenha havido o *bullying* e o desprezo, por que o rapaz não sobreviveu a eles de um modo minimamente saudável, que permitisse que ele não pensasse no massacre, e no suicídio, como alternativas? E o desprezo e as condições que o constituíram como vítima de *bullying*, de onde viriam?

Por que ele não pôde se reconstituir, desfrutando das versáteis forças da possibilidade, ontologicamente sempre presentes em nós humanos? E veio, infeliz e homicidamente, a sucumbir ao niilismo, ao ressentimento, à vingança, à destruição. Fazendo com que com ele sucumbissem as crianças, na torrente do paroxismo do ressentimento e de vingança? Acompanhado, naturalmente, pelo paroxismo do ideal ascético?

O que podemos esperar da vida, a partir de suas potências ontológicas, das ontológicas possibilidades que se dão no nosso modo vivencial, fenomenológico, existencial, são enormes poderes de geração e de regeneração.

Poderes que são inviabilizados pela postura, pelos valores, pela moral contra natural, pelo modo de vida de negação da vida.

Podemos entender, naturalmente, que a alternativa viabilizada pelo autor do massacre do Rio – e de todos os massacres -- é uma alternativa absolutamente excepcional, e evidentemente aberrante. Mesmo em situações pontuais, ou condições de vida muito difíceis. Desconectada de uma revolta política qualquer. De fato, uma tremenda e absurda vingança pessoal. Direcionada a seres que nada tinham a ver com as vicissitudes e agressões que sofreu ao longo de sua sofrida e iníqua vida.

A questão é entender como, para além das vicissitudes e iniquidades de sua vida, histórica e ontologicamente determinadas, as forças sinistras da impotência, impotência para a criação, para a criação de uma vida viável, de uma personalidade viável, forças da impotência decorrentes da negação, foram sistematicamente investidas no niilismo, no ressentimento, na culpa e no ideal ascético...

Ainda que condições existenciais difíceis como as do autor do massacre não sejam eventualmente novas, nem raras, o desenlace brutal é novo. Aqui, em particular, mas no resto do mundo também.

Uma questão fundamental, assim, é a de saber em que medida este tipo de desenlace paroxístico obedece ao desenvolvimento de um padrão social, que tende a se reforçar. Na medida, em que tendem a se reforçar as tendências de negação da vida, e de negação do corpo.

Em que medida, aspectos históricos de nossa cultura, e aspectos de nossas instituições, que se caracterizam por uma postura de negação da vida, podem estar contribuindo para o surgimento, e para o desenvolvimento dos processos que levam, dentre outras, às emergências do paroxismo.

O caso do autor do massacre de Realengo pode ser uma exceção. Mas é muito preocupante a possibilidade de que seja assim um sintoma. Sócio cultural. Ou seja, um subproduto da produção da impotência e do niilismo que resulta da negação da vida de várias instâncias da cultura.

1.4.1. URBANIZAÇÃO

A urbanização tornou-se inevitável, e é naturalmente benéfica em muitos de seus aspectos. Do ponto de vista da saúde existencial, não obstante, é muito preocupante a radicalidade, e o sentido, do afastamento dos limites naturais, e a radicalidade e sentido do afastamento da convivência cotidiana com o ambiente natural não humano que ela implica para as pessoas e para as massas urbanizadas.

O fato é que, ontologicamente, para a habitualidade da experiência e experimentação que nos permitem a vivência potencializante pré reflexiva, fenomenológica e existencial, não podemos prescindir da habitualidade da convivência e interação com o ambiente natural.

A urbanização nas formas como é feita, a restrição compulsória das pessoas e das massas ao ambiente chamado *man made*, nos vai levando a formas cada vez mais radicais de alienação com relação ao ambiente natural.

E esta alienação com relação ao ambiente natural, inevitavelmente repercute em alienação da vivência da dialógica do corpo, e da dialógica da relação com o outro, com o diferente.

Na verdade, o ambiente natural vai, cada vez mais inexoravelmente, se tornando uma experiência restrita à condição de espectadores, de TV, cinema, e à literatura. Da mesma forma que o próprio corpo, e o outro, na experiência e experimentação de sua alteridade, vão se tornando, cada vez mais, objetos para um sujeito espectador,

deles cada vez mais alienado. Enquanto que a experiência, não objetiva e não subjetiva, da dialógica expressivamente projetativa com a alteridade deles vai se rarefazendo cada vez mais.

A alienação com relação ao ambiente natural priva-nos de inalienáveis condições ambiossistêmicas para a ontológica da experiência, da experimentação, fenomenológico existencial dialógica da ação, e para a potenciação. Deixando, progressivamente, como predominantemente disponíveis, apenas a experiência da negação; da negação da potência, da negação da vontade de possibilidade, da negação de si próprio, da negação do corpo, da negação do ambiente, da negação do outro, da negação do inter humano, na dialógica com suas alteridades próprias – somente nas quais eles são efetivamente possíveis. E correlativos, a impotência consequente; e o adensamento dela, em niilismo, ressentimento, culpa, e ideal ascético...

Junto, assim, com a restrição da interação e experimentação com o ambiente natural, encontramos – pela influência de instâncias e tendências niilistas, predominantes na família, na escola, na religião, na história -- uma progressiva restrição da vivência interativa, fenomenológico existencial e dialógica, do corpo como alteridade, do corpo como o tu de uma possibilidade potente. Nesta incluída a restrição da dialógica do corpo com outros corpos.

Esta vivência ontológica da dialógica do corpo, e do corpo com outros corpos, e com o ambiente é uma das formas mais próprias de vivência da potência, e que permite a potencialização existencial. Antídoto para a predominância da habitualidade da impotência, e de sua deterioração em niilismo, ressentimento, culpa, e ideal ascético.

A impotência, o niilismo, o ressentimento, a culpa, a vingatividade, a destrutividade, a covardia, do autor do massacre de Realengo parecem efetivamente estar longe de ser um fenômeno isolado.

1.4. 2. DESVENTURAS DA HISTÓRIA

Determinações históricas de nossa sociedade, conjugadas com aspectos de sua história pessoal, parecem estar presentes de modo bastante significativos, e imediatamente determinantes, nas condições do autor do massacre de Realengo.

Curiosamente imbricam-se determinações ancestrais, e ainda efetivamente atuantes, com determinações atuais. Determinações que têm a ver com nossa constituição, e com a constituição histórica da estruturação de nossas iniquidades; e condições historicamente recentes.

É importante observar que as condições de suas possibilidades se condicionam a partir das influências de dinâmicas institucionais correntes; e a partir de influências remotas da história de nossa sociedade. Como, por exemplo, por um lado, as influências correntes de

estruturas institucionais de negação da vida; e, por outro, a constituição remota da etnicidade de nossa população. Ambos os tipos de determinações a condicionarem o pesado engessamento da impotência e do niilismo.

É curioso observar como, nos estertores de sua impotência, o autor do massacre do Rio buscou simular, pelo menos por algum tempo, a potência de um fundamentalista Islâmico. Em busca da possibilidade da vingança de um atentado. Em sua carta ele solicita, para o seu próprio funeral, procedimentos de funeral de um fundamentalista.

Creio que não passou despercebido ao autor do massacre de Realengo – mesmo que com níveis necessariamente precários de consciência -- que o seu fenótipo era o mesmo de muitos Islâmicos...

Certamente que ele não tinha nenhuma clareza do quanto isto era verídico. E das implicações disso. Sua tentativa de adesão ao Islamismo parecia ser efetivamente superficial, e inconsistente. E, na verdade, parece ter terminado em desentendimento. Ficando ele bizarramente desprovido da racionalia para o seu suposto atentado. Na verdade, o massacre brutal e irracional. Que nada tinha de fundamentalista, e muito menos de Islâmico.

Efetivamente, não obstante, o autor do massacre do Rio era um Mouro. Um Mouro Brasileiro. Um dos milhões de Mouros Brasileiros, descendentes dos que para cá emigraram, do Magreb, do Norte da África, e da Andaluzia. Um capítulo obscuro de nossa história, por histórica razões, e que merece ser devidamente esclarecido. Em repeito ao grande segmento da população Moura do Brasil, em respeito a nossa história, e a nossas populações... Os Mouros são um capítulo muito rico e complexo, profundamente escondido e ideologizado da história da etnicidade Brasileira.

Creio que, no caso das complicações das dificuldades e inadequações do autor do massacre, é importante e esclarecedor considerar que, ele era, assim, um dos milhões de Mouros Brasileiros.

E evidentemente que os Mouros em si nada têm a ver com o massacre de fato em si.

Os Mouros Africanos, e os Mouros Brasileiros, não são, nem Brancos Europeus, nem Sudaneses Negros Africanos.

Como teria diacronicamente atuado esta condição de heterogeneidade, em termos de fenotipia étnica, em suas relações familiares. Numa família aparentemente Branca. Como teria atuado na vida escolar, e em suas relações escolares? Em conjunção com sua condição de adotivo, em conjunção com a provável problematidade das condições de sua maternidade e de sua adoção?...

Uma questão crucial, pois, é considerar o como teria atuado na escola esta questão de sua fenotipia étnica. Como, espontaneamente, e sem má intenção, a ele reagiram, diacronicamente, ao longo de toda a sua vida os seus colegas? As garotas?

É certo que há indícios de que o autor do massacre tentou buscar nas sugestões de seu fenótipo a construção de suas identidades perturbadas.

Em níveis diversos este é um processo pelo qual passam os Mouros Brasileiros.

Creio que com o concurso dos noticiários, e outros programas de televisão, em que aparecem os tipos físicos do Magreb e do Norte da África, eles começam a se interessar, e a se indagar sobre as semelhanças entre os seus próprios tipos físicos e aqueles. Isso, nem de longe, significa uma identificação cultural. Apenas uma sub percepção de uma aparência física. Que aparecem no Brasil, por exemplo, como insólitas e experimentais barbas magrebina, de modelos certamente aprendidos na TV.

No caso do autor do massacre, esta parca identificação parece o ter levado a buscar no Islamismo um escoadouro para sua vingança. Um atentado mega destrutivo... Acertar com um avião o Cristo Redentor... Um atentado ao estilo fundamentalista constituiria uma possibilidade à altura. Naturalmente que sua identificação era superficial, e nada tinha de efetivamente Islâmica.

No Norte da África, no Magreb e no Saara – dos Séculos XVI e XVII, pelo menos -- Os Mouros eram apenas fracamente Islâmicos. Já que eram mestiços de Árabes Islâmicos e Berberes – povo nômade do deserto do Saara.

Os Berberes mantinham uma animosidade contra os Árabes, na medida em que eles eram invasores, e colonizadores. Aos poucos se miscigenaram com os Árabes, mas sua adesão ao Islamismo era superficial e precária.

Por isso que os Mouros Brasileiros não preservaram uma identidade Islâmica. No Brasil, em geral, os Mouros não preservaram um memória Islâmica. Nem Árabe, e nem mesmo Africana. Equalizaram-se numa identidade meramente Brasileira.

Na cultura Brasileira, ainda estamos por explicitar as dimensões, que me parecem enormes, com enormes e profundas implicações, da presença Moura, e Berbere no Brasil. Assim como Africana Mameluca. E Árabe, e Judaica – especificamente anterior aos fluxos migratórios dos séculos XIX e XX.

No período dos Séculos VII ao XV – durante 800 anos, portanto – os Mouros (miscigenação de Árabes, Judeus e Berberes), os Berberes, os Árabes, e Judeus arabizados, foram uma imensa dor de cabeça para a Europa. Mormente para o Sul da Europa, a Península Ibéri-

ca; e para a Península Itálica. Conquistaram o Norte da África, o Saara, e o Magreb. E um príncipe Mouro de Damasco -- que tinha como pai um governante Árabe Sírio, e como mãe uma mulher Berbere, do Magreb (o extremo Ocidental da África, para os Árabes de Damasco, e de Bagdá) -- atravessou os Estreitos entre a África e a Europa -- depois do trucidamento de sua família pela dinastia rival, que levava o centro do Islamismo para Bagdá --, e fundou, em Córdoba, a Moura civilização Andaluza. Que, por oitocentos anos, ameaçou, e infernizou a vida dos reinos Cristãos da Europa.

Quando a civilização Andaluza se esvaiu em decadência -- em função de suas dinâmicas internas, e de querelas no interior do império Islâmico --, depois de enormes contribuições para a Europa, e para todo o Ocidente, foi ocupada a ferro e fogo pelos reinos Cristãos. Sendo convertidos, à força da inquisição, ou expulsos da Europa, os Árabes, Judeus, Berberes: Mouros, que a constituíam. Lá deixando, aparentemente, apenas Dom Quixote, e seu fiel Sancho Pança.

Os Mouros, Andaluzes ou Magrebinos, foram assim grandes adversários da Europa, em particular da Europa Itálica, e Ibérica; de Portugal, e da Espanha.

Num dantesco episódio, da batalha de Alcacér El Quebir, no Marrocos, em 1578, e inicialmente contra a sua vontade, trucidaram a juventude Portuguesa, a força militar de Portugal, a nobreza de Portugal, o clero de Portugal, o rei de Portugal, D. Sebastião, e um séquito de treze mil não combatentes que acompanhavam o exército combatente, na invasão do Marrocos. Foram os Mouros que trucidaram D. Sebastião e seu exército invasor.

A governabilidade de Portugal se evaporou, e Portugal foi em seguida, e por isso, anexado pela coroa Espanhola, formando a União Ibérica, em 1560.

Pode-se imaginar o trauma em Portugal. E o lugar dos Mouros no ressentimento, e no imaginário Europeu; e, em particular, no ressentimento e no imaginário de Portugal, Espanha, e Itália... Constituíram-se inevitavelmente num negro e odiado estigma.

Em seguida, no Brasil, Portugal -- e a Espanha, durante um certo momento --, tinha outros inimigos: os Indígenas Ameríndios, os piratas Franceses, Ingleses, Holandeses, a Companhia das Índias Ocidentais; e, logo, cinco milhões de Negros Sudaneses, sequestrados de suas aldeias na África Subsaariana, e construídos como escravos, para a produção de açúcar, e para os trabalhos domésticos... A serem contidos, domesticados, e administrados... Portugal tinha o dinheiro e o poder do investimento colonial, mas não tinha gente para a formação dos exércitos. E, de um modo geral, Indígenas, Mulatos, Negros, não eram confiáveis para tal fim... Mouros, Mamelucos, Mulatos Africanos, eram mais confiáveis e efetivos para tais tarefas. Com a vantagem de que eram povos ferozmente guerreiros, prova-

dos nas escaramuças do deserto do Saara, do Magreb, e da África do Norte.

À medida que Portugal passou a exercer influência nessas regiões, os Mouros, Mamelucos e Mulatos, passam a fluir também para o Brasil, e passam a constituir a tropas e Milícias dos poderes coloniais.

Com o detalhe de que toda uma bem sucedida operação ideológica precisa ir sendo paulatinamente tecida, para que se assegure a sua subordinação. E para que não se afirme a identidade de sua unidade; e, em particular, para que não se afirme a identidade de sua inimidade ferrenha -- seja enquanto Andaluzes, enquanto Magrebinos, enquanto Saarianos, ou Norte Africanos -- contra os Ibéricos e Itálicos.

Desta forma, há uma particular determinação na condição dos Mouros Brasileiros. Sua consciência de si, enquanto coletivo, é parca, ou inexistente.

Não se trata de um povo, no sentido étnico strictu sensu. Mas de grupos mestiços, resultantes da invasão do deserto do Saara, do Norte da África, e do Magreb, pelos Árabes, a partir do Egito, no século VII.

Aí, se diferenciaram, e se amalgamaram, Árabes, Judeus, Berberes e Mamelucos. Os Berberes já bem então bem miscigenados com os Sudanese. Mouros, então, constituíram as massas, e os exércitos do Islam., e do Império Turco Otomano. No Magreb -- Marrocos, Tunísia, Argélia, Egito --, e na Andaluzia -- no Sudoeste da Europa, Península Ibérica.

Se os Mouros têm uma parca consciência de si, os colonizadores Portugueses sabiam muito bem de quem os Mouros se tratavam... Em particular na medida em que eram odiados. E na medida em que deles se carecia, para os exércitos que pudessem confrontar e submeter os Indígenas, os piratas não Lusitanos, e os escravizados Sudanese.

Aproveitando-se de sua inconsciência de si, e de sua história, os colonizadores usaram os Mouros. Talvez, até, com um projeto demográfico específico e deliberado.

E, naturalmente, mantiveram-nos, enquanto 'empregados', fora, excluídos, do estado patrimonial, e entregues à própria sorte.

Antes, todavia, era necessária toda a sorte de astúcias e estratégias ideológicas sistemáticas para manter os Mouros na inconsciência de si e de sua história. Uma empresa muito bem sucedida. E, explicitamente, os Mouros aparecem apenas como personagens folclóricos das lidas Europeias medievais. E, recalcados, são vítimas da violência estrutural e institucional, e retornam violentamente como um dos vetores diferenciados da violência que conhecemos entre nós. E que respondem, evidentemente, a violências estruturais.

Curiosamente, então, vamos encontrar novamente no Brasil Mouros, e Berberes Africanos... Mas, se eles não são propriamente amigos dos colonizadores Portugueses, pelo menos não são aqueles inimigos figadais da Europa. Na verdade, são alguma coisa como *aliados*. Na medida em que, junto com os Mamelucos e Mulatos Africanos, vão compor os exércitos, e as milícias, dos colonizadores. Que não tinham densidade demográfica, nem de efetivos militares, para combater os piratas Europeus não Ibéricos, os Indígenas; e, posteriormente, para conter e administrar a massa de escravos -- inicialmente composta pelos chamados *Negros da Terra*: os Indígenas e, posteriormente, por Negros Sudaneses, sequestrados na África, e violentamente constituídos, usados e mantidos como escravos, domésticos, ou do eito da indústria do açúcar.

Ao findarem estas necessidades dos colonizadores, os Mouros e Berberes foram jogados na vala comum da exclusão e da miséria Brasileiras -- numa verdadeira e cruel *vingança pós morte de D. Sebastião*. Junto com os descendentes dos Indígenas, com os descendentes dos Sudaneses, com Mamelucos e Mulatos, Africanos, e Brasileiros, com Caboclos, Curibocas, e Brancos Pobres...

O fenótipo do autor do massacre do Rio, e muito de seu genótipo, mostra-nos um Mouro. Os Mouros são o que astutamente os poderes coloniais, e pós coloniais esconderam sob a designação, obscura e confusa, de *Pardos*. São os *morenos*. O termo *Mouro* não traduz, portanto, uma categoria étnica, strictu sensu. Mas os mestiçados de Árabes e Berberes. Assim, tanto Árabes como Berberes mestiçaram, ao Sul do Saara, com Negros Sudaneses; e mestiçaram com as populações Líbias -- Brancas -- do Norte da África. De modo que o termo *Mouro* traduz o frequente caráter *Moreno*, mais ou menos claro, da cor da pele destes mestiços. Um Berbere pode assim ter a cor da pele variando da cor de pele clara, como pode ter a cor da pele bem escura, dos Sudaneses da África Subsaariana.

Herdeiros dos Berberes, miscigenados com os Árabes, os Mouros podem igualmente variar na cor da pele, do claro das populações sobresaarianas, a cor escura de pele das populações Sudanesas da África subsaariana.

As populações Mouras espalharam-se pelas áreas da expansão do Islã, mormente no Norte da África e Magreb -- Marrocos, Saara Ocidental, Tunísia, Líbia, Egito --, no deserto do Saara. Espalharam-se depois pelas Américas, com a colonização. Dadas as relações históricas do Norte da África, do Magreb e do Saara, com a Península Ibérica, e em específico com Portugal, e as razões de estado dos estado colonial Português, a população Moura, Mameluca e de Mulatos Africanos (mestiços de pai Árabe, e mãe Sudanesa) emigrados para o Brasil é muito grande. Sem dúvida, é muito grande a sua participação

na constituição, e na composição, das populações Brasileiras. Em particular do Nordeste do Brasil, e das populações que desta derivam.

Nas simulações de potência do autor do massacre, na carta deixada, e em alguns comentários seus coletados, há insinuações dos anseios dele por um terrorismo de tipo fundamentalista. Aparentemente, meras buscas de identificação, a partir dos questionamentos ambiossociais e de suas indagações sobre suas aparências fenotípicas.

Fenotipicamente o vemos como um garoto, e um rapaz, Mouro.

Ao dizermos isso não alegamos nenhum tipo de 'pureza' genotípica, naturalmente. Todos os tipos étnicos no Brasil, e mesmo na África, já, são tipos intensamente miscigenados. Os próprios Mouros, como são chamados, inclusive pejorativamente, pelos Europeus, não são uma categoria étnica, *strictu sensu*, como observamos. Na medida em que são tipos *morenos*, que se definem por sua morenidade. Que varia em todo o espectro, entre a cor clara da pele do Árabe, e das populações *Líbias* do Norte da África (*Líbio* quer dizer *de cor de pele* 'branca'), até a cor de pele escura dos *Sudaneses*, da África subsaariana (*Sudanês* quer dizer *de cor de pele* escura).

Ao dizermos que o autor do massacre de Realengo aparece fenotipicamente como um rapaz e um garoto *Mouro*, dizemos que ele não é um rapaz de origem Europeia.

Ele fica um pouco distante de ser um rapaz de origem Negro Sudanesa. Seu fenótipo lembra o de um Mouro Africano, do Norte da África. De cor de pele mais clara, mas bem marcado pelo sangue *Sudanês*, como seria de se esperar de um Mouro. No qual também participariam o sangue Berbere, e o Sangue Árabe. Como enormes partes da população Brasileira. Nossa ascendência Moura africana. Junto com os Mamelucos (descendentes de Árabes com Turcos, de origem Mongólica), e os Mulatos Africanos, descendentes de pai Árabe, ou Judeu, e mãe Sudanesa...

Mas, o que parece importante, no seu tipo físico, não havia a ascendência Europeia predominante. Igualmente, no seu tipo físico, não havia a predominância de um tipo Negro *Sudanês* -- o que teria lhe dado um sentimento de pertença, de vinculação, e de solidariedade, de que ele parece ter sido tão carente. E que, não conscientemente, na maior parte dos casos, o Mouro terminaria por não ter no Brasil -- caso não se vinculasse tão fortemente a uma identidade Brasileira.

O autor do massacre do Rio não era um Brasileiro de origem Europeia. E, igualmente, não era um Brasileiro de origem Africana Sudanesa, ainda que seja fenotipicamente um Brasileiro de origem Africana. Mas, do Norte da África.

Efetivamente, à observação fenotípica, o autor do massacre não era um Branco Europeu, Godo, Ibérico, Itálico; ou, muito menos, do mais ao Norte da Europa. Não era, também, um Negro Sudanês. E, o que é importante no caso, não parecia um Mulato Africano. Não aparecia, também, como um Mulato Brasileiro. Miscigenação de descendentes de Negro Sudanês com Europeu. A pele morena, Moura, mais clara. O nariz (não lembro o cabelo) remete, também, aos elementos de ascendência Árabe, e Berbere dos Mouros. O nariz e o formato do rosto são típicos.

Comento isto porque o tresloucado gesto remete a um intenso processo de inadaptação, na família adotiva, na escola. E na vida, de um modo geral. Lamentavelmente. Porque um melhor acolhimento e adaptação à escola e à família teriam produzido melhores condições para a elaboração de suas dores, feridas, e dificuldades. Poderia ter ajudado a evitar a impotência, e a transmutar a impotência, o niilismo, o ressentimento, a culpa, o ideal ascético.

Com toda a sua problemática, não é de se crer que os processamentos das dificuldades de adaptação do autor do massacre -- adaptação na escola, na família, na vida social, de um modo geral -- fossem uma via de mão única. Além de sua vivência subjetiva de inadequação, ele deve ter sofrido muita rejeição e exclusão objetiva, e ativa. Diacronicamente, ao longo de sua vida.

Isto é bastante possível em certas condições dos Mouros Brasileiros. Uma vez que eles não se identificam, nem são tratados, como oriundos Europeus, nem são tratados como Negros Sudaneses. Não se situam ainda entre os Mulatos, ou entre os Árabes, ou Judeus...

E ficam num certo tipo de "limbo". De um modo geral, é possível criar para si um espaço. Mas, em condições difíceis como as do massacrante a história pode se complicar enormemente...

Qual teria sido o papel da fatalidade da rejeição, e da exclusão, na família, na escola, na vida social, para a constituição da personalidade do autor do massacre, e de seu brutal e covarde gesto. Qual teria sido o papel da rejeição, e da exclusão, para a constituição de sua desidentificação com o gênero humano?

Não podemos deixar de considerar e entender estes aspectos étnicos culturais. Na verdade, o terrível episódio pode nos servir para melhor entendermos alguns aspectos obscuros de nossa história cultural. Aspectos que, apesar de obscuros não são menos ativos.

A etnicidade rica e complexa, e historicamente problemática, que nos constitui determina não só uma riqueza cultural abundante, mas igualmente a problematicidade de suas características, e de sua natureza intrinsecamente conflitiva.

1.4.3. FAMÍLIA

Condições difíceis para a educação de seus membros a família sempre terá. Mormente numa sociedade múltipla e, em função desta multiplicidade, e da história desta multiplicidade e agenciamentos, culturalmente conflituada, como a nossa.

Na verdade, forças criativas diferenciadas e potentes. Mas as condições difíceis são o natural, para a condição humana, em especial as inerentes e decorrentes das finitudes e dos sofrimentos. A questão sendo, sempre, a de como as condições educativas preparam para a afirmação da vida. Inclusive para a afirmação da vida, e para a afirmação da finitude e do sofrimento, e assim potencializam a aptidão para o retorno da força da vida, como vivência de possibilidade, como ação, como criação, e como alegria e como saúde.

Com relação à maré montante da reprodução da impotência e do niilismo, uma questão importante é a de como a cultura, no âmbito familiar, a cultura familiar, atua educativamente, seja no sentido da educação para a afirmação, para a potência, para a alegria para a saúde; seja no sentido da negação, e da impotência, do niilismo, do ressentimento, da culpa, do ideal ascético, da violência, e da destrutividade.

No que pesem suas dificuldades, a família Brasileira educa predominantemente para a alegria, para a saúde, para a criatividade. Naturalmente, existem dificuldades, nas quais estas características não se realizam. Precisamos, sempre, recorrer às fontes de nossas matrizes culturais Sudanesas, Berberes Saarianas, Mouras, Semíticas, Ameríndias, Sul Europeias, Japonesas, Polonesas, Alemãs, e as outras todas, como repositórios de culturas afirmativas, e que significativamente educam para a vida, para a afirmação da vida, para a potência, para a criação, para a saúde.

Por outro lado, é preciso confrontar criticamente as vertentes que se especializam na negação da vida. A urbanização excessiva, e obsessiva, que segrega da vivência da experiência dos ambiosistemas naturais, que segrega da vivência da experiência e da experimentação do corpo, e da vivência da experiência e da experimentação da relação com a diferença do outro, humano, ou não humano, e do sagrado.

A parte final da carta deixada pelo autor do massacre parece um tristíssimo, enormemente triste, diálogo com a sua família remanescente, com a escola, com a igreja, com a sociedade.

Não é difícil perceber como ele inscreve a sua identidade na metáfora dos *animais abandonados...* Não é difícil perceber nas suas palavras o resignado clamor de respeito às vontades finais do *animal suicida tão lamentavelmente descuidado, e abandonado...*

Eu deixei uma casa em Sepetiba da qual nenhum familiar precisa, existem instituições pobres, financiadas por pessoas generosas que cuidam de animais abandonados, eu quero que esse espaço onde eu passei meus últimos meses seja doado a uma dessas instituições, pois os animais são seres muito desprezados e precisam muito mais de proteção e carinho do que os seres humanos que possuem a vantagem de poder se comunicar, trabalhar para se alimentarem, por isso, os que se apropriarem de minha casa, eu pelo por favor que tenham bom senso e cumpram o meu pedido, por cumprindo o meu pedido, automaticamente estarão cumprindo a vontade dos pais que desejavam passar esse imóvel para meu nome e todos sabem disso, senão cumprirem meu pedido, automaticamente estarão desrespeitando a vontade dos pais, o que prova que vocês não tem nenhuma consideração pelos nossos pais que já dormem, eu acredito que todos vocês tenham alguma consideração pelos nossos pais, provem isso fazendo o que eu pedi.

Dialoga com os remanescentes da família depois da morte dos pais.

É triste ver como ele evidencia que a família falhou com ele. No que pese a generosidade da adoção, e o afeto dos pais. Esteve para além dos limites da família evitar que ele mergulhasse no niilismo atroz, e na loucura vingativa derradeira.

1.4.4. ESCOLA

A escola seria uma esperança. A escola sempre é uma esperança. Uma esperança de que aleijões existenciais e afetivos possam ser curados, ou minorados, revertidos.

Decididamente, a escola não pode ser vista apenas como lugar de aprendizado. Psicossocialmente, culturalmente, a escola tem uma importância enorme. Evidentemente, a escola precisa ser vista como uma instituição dedicada ao crescimento e à formação integral das pessoas. E um espaço em que elas possam, sobretudo, aprender a aprender, e aprender a se superarem, como aptidão essencial da condição humana. Nietzsche já diria: *E eis o que segredou-me a existência: eu sou aquilo que se auto-supera indefinidamente...* Quando teremos uma educação que entenda as observações e os aprendizados de Nietzsche?

Por sua própria natureza sócio cultural, e pela natureza social e historicamente conflituada da sociedade da qual é parte ativa, e ativa, ou desativante, a escola vai sempre acolher entre os seus existências conflituadas, existências comprometidas, existências sofridas. E, até mesmo para atender a suas funções mais explícitas, a escola tem condições de fornecer uma ambiência sócio cultural, e atividades, que permitam a elaboração e reelaboração dessas condições, transmutando o seu direcionamento em direção ao medo, ao à loucura, ao egoísmo, à impotência, ao nihilismo...

Não apenas pelo contato e aprendizagem dos conteúdos didáticos. Mas pelas relações, e pela qualidade das relações humanas que o estudante pode ter.

As relações com os colegas, as relações com os professores, as novidades, possibilidades novas. Tudo isto pode contribuir para mobilizar a força regeneradora da vivência de possibilidade, de vivência afirmativa e auto regeneradora da potência, e ajudar a equacionar e a resolver a problematicidade que se particulariza das tensões e conflitos sócio culturais históricos nas existências de crianças, adolescentes e jovens, colaborando decisiva e definitivamente para reverter processos difíceis e eventualmente doentios. Revertendo, em particular, o medo, reconstituindo a *biofilia* – como dizia Fromm –, e afastando a *necrofilia*, em almas tão profundamente feridas pelas forças dos conflitos culturais. Dos conflitos, condições, e limites, da vida familiar, e dos grupos de referência mais íntimos, sócio histórica, e culturalmente, determinados.

Os processos psicossociais e socioculturais da escola podem se constituir, em suas potências e efetividades, para além dos limites e das capacidades de restauração e de regeneração do pequeno, e frequentemente tão conflituado, círculo da família e desses grupos de referência.

De modo que a escola não pode se furtar ao papel do que seria uma sua função "clínica", talvez fosse até o caso de pensar em algo como uma *pedagogia clínica*. Mas, naturalmente o *clínico* neste sentido nada tem a ver com o *clínico* do modelo médico, com o qual tão frequentemente se pretende, imprópria e indevidamente, a chamada *psicologia clínica*. O nome não interessa muito. O essencial é que a escola precisa entender, e assumir a responsabilidade, e ser consequente, decisiva e decididamente pelo fato de que a formação de seus alunos, a formação dos cidadãos, e das pessoas não é só uma formação teórica, da aprendizagem de conhecimentos ou de conteúdos. A formação em termos de conhecimentos carece do reconhecimento de que a escola é, nas relações entre seus alunos, nas relações entre alunos e professores, e alunos escola, uma grande situação e oportunidade sócio cultural para a elaboração psicológica e existencial de seus alunos, e mestres. E pode contribuir para o crescimento e potencialização psicológica e existencial deles. Ou pode

complicar as dificuldades decorrentes dos conflitos da vida sócio cultural, familiar, em particular, com as quais eles chegam à escola.

Certamente que a escola, em sua estrutura e dinâmica, em suas concepções e métodos, tem que lidar com significativos determinantes sócio culturais e históricos que potencializem a vida e a criação; ou que potencializam a modos de vida que militam pelo niilismo, pela impotência; e que adensam a impotência, o niilismo, o ressentimento, a culpa, o ideal ascético – e com isso adensam a vingatividade, a auto e a hetero destrutividade.

Neste sentido, pela sua influência no desenvolvimento das pessoas, e mesmo na elaboração e re-elaboração das tendências de suas vidas, avulta a importância, e a responsabilidade, da escola no sentido de potencializar as ontológicas tendências para uma vida afirmativa. A educação, e a escola, carecem de premissas ontológicas.

Naturalmente que não podemos sobrevalorizar o papel da escola neste sentido. Da mesma forma que é uma bobagem sub valorizá-lo.

Sabemos que a escola luta com múltiplas dificuldades. E consegue educar para a alegria, de um modo ainda bastante significativo.

Mas são inquietantes alguns de seus sinais e sintomas.

As pedagogias insípidas, a reforçar, não o conhecer ativo, como atualização de possibilidades; mas a impor o conhecer impotente de espectadores. Prontamente rejeitado por uma grande maioria de alunos saudáveis – que logo são estigmatizados, quando não medicalizados, com “diagnósticos” abundantes, “feitos”, frequentemente por professores, de transtornos de hiperatividade e déficit de atenção, dislexia, inadaptação, disritmia cerebral, transtorno mental... A incapacidade de se impor diante da violência entre os alunos, e destes contra os professores, e dos professores contra estes... A limitação da interação com ambiosistema ontológico... O desconhecimento de nossa história, de nossas diferenças sócio históricas e culturais, quando não a violenta discriminação; o desconhecimento das carências e necessidades de interação em decorrência de nossa história. A educação do corpo, frequentemente limitada às aulas de educação física... Todos estes são alguns dos sinais e sintomas preocupantes com relação às possibilidades de cumprimento das responsabilidades da escola em termos existenciais, e com relação às questões particulares de nossa história, de nossa sociedade, e cultura.

Assim é hora já de questionarmos mais incisivamente a escola pela sua participação na promoção do conhecimento, e das relações sociais impotentes. E de tomarmos providências éticas, políticas, e pedagógicas contra isso.

O episódio de Realengo, e outros, no âmbito de nossa escola, podem estar a mostrar que chega ao limite da catástrofe o modelo de escola que educa para a impotência, incapaz de educar para o conhecer, para as relações sociais potentes e ativas. E para a reelaboração das contingências problemáticas de nossa história, de nossa sociedade, de nossa cultura; particularizadas nas vidas sofridas, e nas relações problemáticas que ela acolhe.

O episódio de Realengo traz a inquietante perspectiva de que possa não ter sido apenas um episódio isolado. Mas o sintoma de uma tendência. A fístula de um abscesso que muito ainda irá fistular. Como nos EUA. E a questão, se for uma tendência, acerca da possibilidade de ser ela sanável, ou não.

É impressionante ver como, em certa medida, e precisamente, o autor do massacre, a sua infelicidade, e o seu comportamento mortíferos, são sintomas eloquentes de um fracasso da Escola. Não da escola enquanto instituição de ensino e aprendizagem formais, mas da escola como instituição de convivência social e de crescimento humano.

Na verdade -- dadas as tantas tendências para uma educação improdutiva, uma educação para a impotência, e as tendências para a recusa da escola à afirmação da vida nos níveis mais originários de nossos modos de ser, em suas concepções e métodos --, não podemos dizer que o autor do massacre do Rio e o seu comportamento não sejam um produto da própria escola. Uma auto agressão *esquizofrênica* e brutal da própria escola.

Isto é muito preocupante... Mais uma vez, seria o massacre, e o seu autor, um caso isolado, ou seriam o sintoma de uma tendência, também produzida, importantemente, importantemente, pela educação, e pela escola de fato que temos?... Ou pela impotência da escola para diluir os mecanismos da negação da vida, da impotência, e do niilismo, produzidos pela educação informal e demais instâncias da sociedade?

No caso de Realengo, a escola não foi capaz, antes os aguçou e agudizou. Um caso isolado? Talvez. Mas as comunidades de apoio na Internet, e os outros sintomas sociais levam-nos a considerar outras possibilidades.

Porque, na medida em que a escola não educa para a potência, para a criatividade, para a alegria, e para a criação, ela educa para a impotência, para o ressentimento, para a culpa, para o ideal ascético, para a vingatividade, para a destrutividade; para o conformismo de autômatos (Fromm) -- com iguais implicações.

É certo que podemos estar sendo muito rigorosos com a escola. Mas é inquietante perceber que a escola, com sua importância na vida dos alunos, não foi suficiente para diluir, as desventuras do autor do massacre, a tristeza e a infelicidade, o ressentimento, a vontade

de vingança, de destruição, inclusive de auto destruição. Mas, antes, acentuá-los. Nisto, a escola foi um rotundo fracasso.

Talvez estivesse fora dos limites da escola conter a destrutividade e a impotência do autor do massacre. Talvez tenhamos que considerar sempre, também, a escola, e os estudantes, como vítimas, da loucura de um transtornado e ressentido grave, que queria destruir nas crianças dimensões de seu próprio eu. Assim como o fazem os homofóbicos violentos.

Permanece, não obstante, a questão do por que da impotência da escola para reverter a infelicidade e a tristeza, a catástrofe, na vida do autor do massacre. E de restituí-lo a um modo minimamente criativo, e potente, de vida. Transmutando a impotência, o niilismo, a culpa, o ideal ascético, o instinto de vingança e de destruição... Aguçando-os, ao contrário.

Naturalmente, a terapia, no sentido formal, não está no âmbito das atribuições específicas da escola. Mas não se trata disso. No caso, a questão não é de terapia, no sentido formal, mas de pedagogia. De concepção de pedagogia e da escola. Aí incluída a dimensão da vida social da pedagogia. A responsabilidade da educação não só para a criação de condições para a aprendizagem de conteúdos dos programas didáticos, mas a educação definida por concepções e práticas de afirmação da vida, de afirmação do corpo, da potência, da criatividade, da saúde, e da alegria.

É preciso que a escola eduque para a natural disposição para a afirmação da potência, que é a afirmação da vida, a afirmação do corpo, a afirmação dos sentidos, a afirmação da vivência, a afirmação, e o reconhecimento, da diferença. Único remédio para a transmutação das marcas do sofrimento acontecido, do ressentimento, da culpa, da vingatividade, do ideal ascético, da destrutividade.

Foi o massacre de Relengo uma limitação, um fracasso, da escola, da educação formal, e informal, e das outras instâncias sociais, tipo família, religião? Ou o autor do massacre é apenas um sintoma de uma tendência oriunda na impotência da sociedade, aí incluídas a escola, a educação informal, e as outras instâncias sociais, para produzir potência? Estaremos diante de um inquietante sintoma decorrente de uma especialização da escola, e de tendências sócio culturais predominantes, para produzir impotência? E, com isso, especialmente produzir niilismo, ressentimento, culpa, ideal, ascético, vingatividade, violência, destrutividade.

Preocupa quando vemos certas tendências da escola diante dos desafios da urbanização, da manipulação capitalista das necessidades, do crescimento do niilismo, da desconsideração pelas iniquidades sócio históricas de nossa sociedade... E a escola tendendo cada vez mais, aparentemente, a educar para a impotência.

Pouca, ou nenhuma consideração pela vivência da potência, e por sua atualização, na ação criativa, na criação. Muitos, e uma multiplicação, cada vez maior, de conteúdos; em detrimento da criação. A busca de formas cada vez mais vazias e adequadas; e estéreis, carentes de força e de criação... A um passo do niilismo.

Crianças ativamente saudáveis são imediatamente diagnosticadas, já por pais interessados, ou por professores, idem, como hiperativas. E medicalizadas. Sem um questionamento sequer de uma cultura e de um ambiente doentamente hipoativos, e impotentes.

Apenas a ação, a atualização, da potência, a criação, podem promover a potência, a criação, e o caráter criativo, a saúde; e retroalimentar a potência e a sua atualização. Apenas a ação, a atualização da potência, pode reverter e limpar, anular, as marcas do acontecido, as marcas da dor, e do sofrimento.

Na interdição da vivência da potência, e de sua atualização, e retroalimentação, as marcas e resíduos não digeridos da dor, do sofrimento, adensam-se inexoravelmente, em negação de si, e em particular, em negação, vingança e destruição contra outro.

Numa educação que privilegie, como objetivos do planejamento pedagógico, e da cotidianidade da vida escolar, a criação; que privilegie a experiência da aprendizagem, e da vida criativa, como experiências ativas de desdobramentos da potência, é que podem residir as possibilidades da escola para a contraposição às tendências niilistas da vida social. Tendências ideologicamente constituídas, e potencializadas, pelas restrições da vida num ambiosistema não natural, pelas restrições da consideração, e da interação fenomenológico existencial, com o outro, e com o corpo.

Na ausência ainda de uma escola que privilegie a experiência fenomenológico existencial da potência, da criação, e da potencialização, não podemos, descartar ou desconsiderar, a possibilidade de que a escola vítima, em Realengo, seja, ela própria, a mesma escola cúmplice. A possibilidade de que o terrível massacre seja uma auto agressão da escola. Preocupantemente, o autor, e o seu comportamento, seriam, também, um certo produto...

Um certo produto -- não simplesmente da escola de Realengo, mas da escola em geral -- que não educa para a potência, e para a criação, para a alegria e para a saúde. E que certamente falhou, inexoravelmente, na reversão do ressentimento, da vingatividade, da destrutividade, do sofrimento, e da impotência aniquiladores do autor do massacre.

1.4.5. RELIGIÃO

Seria muito esperar de uma religião que não fosse anti-corpo, que não fosse anti-natureza, que não fosse anti-vida? Que não estimulasse a negação da vida e da potência de criar, que não estimulasse o ressentimento, o sectarismo, a culpa, o ideal ascético, a vingatividade, a destrutividade?

Porque, na medida em que se negam à afirmação da vida, e praticam a negação terão, cada vez mais, a sua parcela de responsabilidade e culpa em episódios como os de Realengo. E nas sequelas destrutivas da epidemia de impotência e de niilismo.

Junto com suas dificuldades sociais, culturais, históricas, junto com as tendências para a uma educação, formal e informal, para a impotência, e, conseqüentemente, para o niilismo, para a insanidade, para a vingatividade, e para a destrutividade, o autor do massacre do Rio não encontrou na religião um meio que pudesse ajudá-lo a integrar-se à humanidade. Na verdade, depois de morto, a denominação religiosa à qual sua família se vinculava se esmerou em negar a sua pertinência a seus quadros... Sua família aderiu à denominação religiosa, e ele não...

Muitas perspectivas religiosas reforçam, e, na verdade, fundamentam-se, numa postura de negação do corpo, e de negação da vida, de negação do outro. Na verdade, o aspecto mais característico dos fundamentalismos é a negação do outro. E, evidentemente, assim, das possibilidades da dialógica com ele.

Baseiam-se numa postura, pois, que interdita, não só a capacidade humana para a ação, para a potenciação; mas numa postura que interdita a capacidade humana para o diálogo, para a potência, para a alegria, para a regeneração, para a saúde.

Laboram, com isso, pelas condições das quais o episódio de Realengo é apenas um epifenômeno. É preocupante observar estas características de grande parte das religiões, e a proliferação de perspectivas religiosas do tipo.

Apesar de suas graves deficiências, e de perspectivas religiosas negadoras da vida, a cultura da sociedade Brasileira foi sempre uma cultura que pôde potencializar a potência, a criação, a alegria, a saúde existencial.

Observamos hoje a proliferação de perspectivas religiosas, independentemente de denominação, que se caracterizam por um rígido enquadramento de seus fiéis em posturas sectárias de negação do corpo, de negação da vida, de negação do outro, de negação da dialógica, de negação da potência criativa. E, com isso, apenas habili-

tam-se como instâncias de promoção, e de produção, e reprodução, da impotência, do niilismo, do ressentimento, da culpa, do ideal ascético, da vingatividade, e da destrutividade. Já potencializados pela urbanização, por certos aspectos de nossa história cultural, pela educação, formal e informal, para a impotência.

De um modo importante, estas perspectivas se incapacitam para serem espaços de geração e regeneração do humano. E transformam-se, igualmente, em usinas de promoção, e de produção, de reprodução, do ressentimento.

A condição religiosa do autor do massacre de Realengo era bizarra. Não se pode dizer que a perspectiva religiosa produziu o autor do massacre, e o seu massacre; mas certamente que contribuiu neste sentido; ou que não foi capaz de servir como espaço de elaboração para suas tristezas e impotências.

Vemos, em primeiro lugar, sua família como ligada a uma das perspectivas mais sectárias e ascéticas.

Uma questão importante é a de observar como essas perspectivas religiosas lidam com a África, e com os Afrodescendentes; com as culturas e condições da África, e dos Africanos. Como perspectivas Europeias ou Norte Americana, Anglo Saxã, Alemã, ou mesmo Italiana, ou Islâmica, frequentemente aceitam o Africano na condição de que ele deixe de ser ele, de que abra mão de suas identidades. E vemos Africanos europeizados, norte americanizados, italianizados, islamizados... Esvaziados de suas identidades e condições africanas... Quando Negros, *Negros de alma branca...*

Ao contrário do que poderia parecer, a condição religiosa do autor do massacre de Realengo era extremamente frágil, e confusa. Chegaram a querer ligá-lo à Al-Qaeda, ou algo assim... Seu massacre seria algo como um atentado terrorista...

Na verdade, nada disso. Na verdade um rapaz agarrando-se, em sua desorientação e desespero, a uma perspectiva, ou numa mistura de perspectivas, religiosas confusas e inconsistentes.

A igreja de sua família negou-lhe, pós mortem, a sua pertinência a ela. Curioso, que a família pertencesse a uma igreja e denominação religiosa, com o nível de sectarismo desta denominação, e ele não pertencesse... Ou seria a negação da igreja a ele apenas mais uma característica da rejeição familiar e religiosa a ele?

O fato é que há indícios para pensar numa rejeição e exclusão do rapaz, ou fortes restrições e condicionamentos ao reconhecimento de seu pertencimento. Que, ao longo do tempo, podem explicar algo do seu isolamento, tristeza crônica, depressão e impotência.

Muito longe da solidez de um fundamentalismo Islâmico, o que se divulgou da religiosidade do autor do massacre é uma mixórdia de postulações inconsistentes, Cristianismo misturado com Islamismo...

Na verdade, apenas o encobrimento de uma profunda rejeição e negação do corpo, do mundo, da vida, em privilégio de um ascetismo mofino, eivado de potências meramente abstratas e simuladas. Como é típico nesses casos...

Pensar em como a religião teria contribuído para constituir e burilar a sua impotência e niilismo pode dar panos para mangas...

A primeira parte da carta deixada, impregnada de prescrições ascéticas com relação ao seu corpo, morto, apenas revela a intensidade de sua negação de si, de sua negação de seu corpo, de sua negação da vida. Condição de profunda impotência, ainda que não desprovida de força, que só poderia ter se desenvolvido depois de longos processos de exclusão, de abusos mais ou menos permitidos ou validados socialmente. Diz ele:

Primeiramente deverão saber que os impuros não poderão me tocar sem luvas, somente os castos ou os que perderam suas castidades após o casamento e não se envolveram em adultério poderão me tocar sem usar luvas, ou seja, nenhum fornicador ou adúltero poderá ter um contato direto comigo, nem nada que seja impuro poderá tocar em meu sangue, nenhum impuro pode ter contato direto com um virgem sem sua permissão, os que cuidarem de meu sepultamento deverão retirar toda a minha vestimenta, me banhar, me secar e me envolver totalmente despido em um lençol branco que está neste prédio, em uma bolsa que deixei na primeira sala do primeiro andar, após me envolverem neste lençol poderão me colocar em meu caixão.

Se possível, quero ser sepultado ao lado da sepultura onde minha mãe dorme. Minha mãe se chama Dicéa Menezes de Oliveira e está sepultada no cemitério Murundu. Preciso de visita de um fiel seguidor de Deus em minha sepultura pelo menos uma vez, preciso que ele ore diante de minha sepultura pedindo o perdão de Deus pelo o que eu fiz rogando para que na sua vinda Jesus me desperte do sono da morte para a vida.

Necessariamente correlativo à negação do corpo, e à negação da vida, o ideal ascético. Nietzsche observa que *o ideal ascético é a criação de um mundo do além para melhor difamar o mundo do aquíém...* O que está em questão primariamente é a negação da vida e do corpo efetivamente vividos, em privilégio de um abstrato, teórico, e ideal, mundo do além. Surgem os *ultramundos*. Que vão ser ca-

racterísticos da Filosofia, da Ciência, da Moral, da Religião. Militantes da impotência, do niilismo, e de seus sucedâneos.

Em contraposição, Nietzsche exortava, pela voz de Zaratustra:

*- Meus irmãos, permaneçam fiéis à terra com o poder de vossa virtude! Que o vosso amor que dá, e o vosso conhecimento, sirvam o sentido da terra! Isso vos peço, e vos conjuro.
Não permitais que a vossa virtude deixe as coisas terrestres e se afaste para os muros eternos! Oh! Houve sempre tanta virtude desencaminhada!
Tal como eu faço, trouxe de novo para a terra a virtude desencaminhada no seu voo -- trouxe-a para o corpo e para a vida: para que ela dê à terra o seu sentido, um sentido humano!
(op. cit. p. 73).*

1.5. ERAM PROFUNDAS NO AUTOR DO MASSACRE AS MARCAS DO SOFRIMENTO E DA INFELICIDADE. ERAM PROFUNDAS E ELOQUENTES AS MARCAS DA IMPOTÊNCIA; AS MARCAS DO RESENTIMENTO, DA CULPA, DO IDEAL ASCÉTICO; DA VINGATIVIDADE, DA DESTRUTIVIDADE. NEM A ESCOLA, NEM A SOCIEDADE, PUDERAM TRANSMUTÁ-LAS. MAS PUDERAM POTENCIALIZÁ-LAS, E ADENSÁ-LAS, AO NÍVEL DA FATALIDADE.

Ao contrário de tudo que a sua tresloucada vida, e de tudo que o seu tresloucado gesto, nos pode suscitar, não podemos eventualmente deixar de pensar, *pobre rapaz...*

Isto não significa em nada reduzir a monstruosidade, a covardia a brutalidade de seu gesto. Significa antes não faltar com a verdade, e contextualizar o seu gesto, para entendê-lo. E, quem sabe, contribuir para evitar a sua repetição. Contribuir, quem sabe, para que possamos trabalhar para evitar uma epidemia de sua repetição...

Como inexoravelmente falharam, rotundamente, com ele e com seu tormento e inadequação, a história, a sociedade, a família, a escola, a religião...

Os esquadriamentos da vida do autor do massacre revelam uma mãe paciente de hospital psiquiátrico. Ele mesmo concebido e gestado em uma relação sexual no hospital psiquiátrico. Como saber que tipo de relação?... Que gestação, que nascimento, e momentos pré-adoção, incluindo a separação da mãe?... Pode-se imaginar...

Uma possibilidade é prudente e cumpre afastar. A de que o seu sofrimento, a sua personalidade, e o seu tresloucado gesto, decorram

biologicamente das condições mentais de sua mãe. Não existem evidências para pensarmos em uma genética biológica dos transtornos mentais psicóticos.

De transmissões sócio culturais, temos soberbas evidências.

Nesses termos, das possibilidades das transmissões sócio culturais, é uma questão crucial a de como as condições de sua mãe, e as condições de sua adoção, e de sua vida adotiva, teriam produzido, na diacronia de suas relações familiares, na família de sua adoção.

A adoção pode certamente ser um gesto generoso. Mas existem, desde as adoções em que o adotivo é integrado, e se integra, à dinâmica e estrutura familiar; até os casos mal sucedidos, em que o adotivo não se integra, e não é integrado. E mesmo aquelas nas quais o adotivo é usado, e abusado, pelo sistema familiar adotante, ou por membros dele. Em muitos casos, podem ser difíceis, gravemente difíceis, os processos da vida familiar do adotivo, e de sua família, mesmo com pessoas que não tiveram tão problemáticas, como as do autor do massacre do Rio, as suas origens, as relações, as tensões de poder. Os interditos, os não ditos, atuam, em intensidades diversas, diacrônica, e insidiosamente, ao longo de seu crescimento -- é importante que se entenda. Tudo isto com níveis não muito claros de explicitação.

O diálogo final do autor do massacre deixa transparecer, como observamos, um profundo e curioso, sentimento de abandono resignado...

Eu deixei uma casa em Sepetiba da qual nenhum familiar precisa, existem instituições pobres, financiadas por pessoas generosas que cuidam de animais abandonados, eu quero que esse espaço onde eu passei meus últimos meses seja doado a uma dessas instituições, pois os animais são seres muito desprezados e precisam muito mais de proteção e carinho do que os seres humanos que possuem a vantagem de poder se comunicar, trabalhar para se alimentarem (...)

Como no caso do consumo de crack, no caso dos atentados contra, e dos massacres de torcedores de torcidas adversárias, e grande parte da violência que tomamos conhecimento, ou somos eventualmente vítimas, apesar das demonstrações de força, o denominador comum é a impotência, o niilismo, rigidamente travados por uma simulação de potência, e pelas formas características do niilismo: o ressentimento, o ideal ascético e a culpa.

Lamentavelmente, como sempre, nesses massacres, o caso do autor do massacre de Realengo, sobejamente ilustra. Evidentemente que sobressai a desproporção do ressentimento, e da vingança, se-

cretados por longos processos de exclusão, de abuso, de instrumentação de suas fragilidades. O gesto dele fala por si mesmo.

Em primeiro lugar, uma tremenda vingança e ressentimento. Contra si próprio, em primeiro lugar: a culpa. Evidentemente que o autor do massacre queria se livrar de si mesmo, do que a sua vida, as suas relações e sua história fizeram dele. Pode-se pensar que esta vingatividade contra si mesmo esteja na raiz do massacre. Ou seja, na verdade a questão primária não seria a de matar as crianças por elas mesmas, mas matá-las enquanto representativas dele próprio, o autor, de sua negada e repudiada vida. Em primeiro lugar, uma vingança contra si mesmo, secundando a negação de si mesmo, a negação da vida, a flagrante negação do corpo, a impotência, o ressentimento, na sua forma de culpa e de ideal ascético.

1.7. SEIS COMUNIDADES DE APOIO AO AUTOR, E A SEU MASSACRE NA INTERNET...

Sem comentários...

2. O GRANDE PODER DE FOGO

É muito impressionante a mística das armas de fogo no Brasil. Não só a mística das armas de fogo, a própria cultura das armas de fogo, e do *matar*.

São aspectos quase que malignamente *sagrados* da cultura Brasileira. O malignamente *sagrado* da *religião* de uma cultura da violência. Que permeou, e permeia, o surgimento, e o desenvolvimento, da sociedade e do estado Brasileiros.

É interessante observar que esta mística e cultura das armas de fogo perpassam toda a sociedade, todas as classes sociais.

As violências no Brasil, sustentadas pelas armas brancas, pelas armas de fogo, e pelos objetos contundentes, é, em primeiríssimo lugar, as violências coloniais da Europa – Ibérica, Itálica, Inglesa, Holandesa, Alemã, Belga... – contra os povos Africanos – contra os povos Sudaneses, contra os Mouros, Mamelucos, Mulatos Africanos, e os Berberes. E as violências Europeias contra os mestiços com os Ameríndios – o Caboclo, o Mameluco Brasileiro, o Mulato Brasileiro, o Cafuso.

O colonizador tinha poder, mas não tinha gente suficiente.

Daí, o imenso recrutamento de mão de obra de Mouros, de Mamelucos, de mestiços Africanos, de Berberes, e de Sudaneses – para a escravidão, e para as milícias, inclusive para conter e administrar a massa de escravos.

Em inferioridade numérica, o colonizador equilibrou o seu poder pelo uso massivo da violência, e das armas. Brancas, de fogo, e contundentes.

Ao tempo em que, ativa e intensamente, estimulou, e instrumentalizou a violência entre grupos étnicos rivais. A violência de Índios contra Índios, a violência entre Mamelucos -- Africanos e Brasileiros --, a violência entre Mamelucos e Indígenas, a violência de Mamelucos e Indígenas contra piratas Franceses, Ingleses, Holandeses, a violência de Mouros e Mamelucos contra Negros, e contra Cafusos, de Negros Sudaneses, e Cafusos, contra Indígenas, e contra Mamelucos...

Tanta fomentação da violência não podia resultar num quadro diferente do que vemos hoje. E tudo equalizado pelo poder mortífero das armas de fogo, secundadas pelas armas brancas, e pelos porretes, e cacetes.

No que pesem as violências Europeias, não podemos ignorar que somos herdeiros, igualmente, de uma tremenda e sinistra violência Africana, Magrebina, e Saariana; somos herdeiros de uma violência Moura, Árabe Africana, e saariana, e de uma violência Berbere. Com a qual interagiu o colonizador Lusitano, Espanhol, Italiano, Árabe, e Judeu, à qual ele aprendeu, e instrumentalizou.

Por outro lado, também, o Indígena investia-se de grande violência, frequentemente animada pela vingatividade, contra seus inimigos. As chacinas urbanas, que se tornaram tão lamentavelmente comuns, ilustram à perfeição o estilo de violência e de vingança do Indígena. Só que, no caso deles, bordunas, lanças, arcos e flechas.

Cimitarras, lanças, espadas, punhais, chunchos... Eram, ainda, as armas dos exércitos Mouros, Berberes, Árabes, e Mamelucos dos Cherifes Saadianos do Magreb (o extremo Norte Ocidental da África), e do Saara, no início da segunda metade do século XVI.

Quando o Norte da África, o Magreb, e o Saara começa a ser invadido por Portugal, pela Espanha, e pela Itália.

As armas de fogo, trazidas pelos Europeus, e depois pelos Mouros, foram um diferencial terrivelmente surpreendente. As armas de fogo que, depois, atravessando o Saara, chegariam até ao Sudão, para reforçar a delinquência milenar do sequestro e aprisionamento das gentes Sudanesas para o comércio da escravidão.

A rainha da Inglaterra³, adversária dos Católicos Ibéricos -- Espanhóis e Portugueses, e Itálicos --, e buscando granjear, com a simpatia, os bens de exportação do Marrocos, e do Norte da África -- em especial, o salitre, para a confecção da pólvora das munições, de que era carente --, começou a oferecer aos Cherifes Saadianos armas de fogo, em troca do salitre.

As armas de fogo começaram a invadir o Norte da África, o Magreb, o Saara, e o Sudão, desequilibrando as lutas, com dramáticas e catastróficas consequências (Inclusive as que resultaram no desfecho da Batalha de Alcacér El Quebir, na qual foi trucidado o Rei Dom Sebastião...).

Desenvolveu-se nas populações dessas regiões da África, com o impacto psicossocial, toda a cultura e mística em torno do poder de vida e de morte das armas de fogo.

Junto com os colonizadores – poderosos, mas carentes de gentes, de milícias e de exércitos, em particular para confrontar administrar e conter os Indígenas, os piratas Europeus não Lusitanos, os Sudaneses, os mestiços Brasilanos --, vieram os contingentes populacionais, subalternos, de um modo geral, de mestiços Africanos, Mouros, Mamelucos, Mulatos Africanos. Elementos culturais de grande vigor e originalidade; mas, igualmente, elementos culturais de inaudita violência. Elaborada e reelaborada nas lides de conquista e de sobrevivência no difícil ambiossistema do deserto do Saara, e do Norte da África.

A cultura Brasileira é, assim, permeada por uma verdadeira porroca de violências As violências Europeias, as violências Africanas, e as violências dos Ameríndios. Todas elas, amalgamando-se, misturando-se, e diferenciando-se; e sendo progressivamente instrumentalizadas e equacionadas pelas armas de fogo.

A questão das armas de fogo no Brasil remonta aos tempos na África, e ele nem sabia disso, em que os ancestrais Mouros do autor do massacre do Rio combatiam os Europeus do Sul da Europa, e os Turcos. E eram supridos pelo contrabando de armas patrocinado pela Rainha Vitória. Antes eram lanças, chunchos, espadas, e cimitarras. Que foram sendo progressivamente substituídos por canhões, espingardas, fuzis, revólveres. Que terminaram por garantir, num primeiro momento, a supremacia Moura sobre as forças Ibéricas e Itálicas.

Emigrados para o Brasil, os Mouros – agora não mais como inimigos, ou como escravos, dos podres coloniais, mas como capatazes do empreendimento colonial – importaram, também, o carciamento pelas armas de fogo. Já exercitado por seus senhores.

Com a importância de todos esses complexos da violência colonial, e a importâncias das armas de fogo, na constituição das violên-

³ BONVILL, E

cias em nossa cultura, não precisamos ir muito longe para entender como o ressentimento, a vingatividade, a destrutividade do autor do massacre do Rio estavam enormemente bem supridos, num mar de armas de fogo.

Naturalmente que, como comentamos antes, não os sofisticados fuzis dos autores igualmente impotentes, e covardes, e identicamente covardes, massacres; nos EUA, na Alemanha, na Finlândia.

No Brasil, os meros 32 e 38 – com iguais poderes mortíferos. Em especial no caso de crianças indefesas.

Para o autor, bastou contactar dois delinquentes pé de chinelo, para conseguir o 38 -- de número de matrícula raspado --, e o 32 roubado... Os demais equipamentos bélicos usados no trucidamento das crianças devem ter sido ainda mais fáceis...

Conclusão

Com toda a sua bizarrice e monstrosidade, o massacre das crianças de Realengo deve, além de tudo, nos servir como uma advertência, de amplas e profundas implicações.

A nossa história, a modernidade, a urbanização, a educação – formal e informal – as religiões, frequentemente, têm significado o sinônimo de uma postura de negação da vida, uma postura de recusa ao caráter fenomenológico ativo, de afirmação, de possibilidade, de potência... E da criatividade conseqüente. Da alegria, e da saúde da potencialização, do desdobramento da potência na ação, com o desenvolvimento da disponibilidade de uma super abundância de – mais – forças de vida.

Postura de negação da vida, em privilégio de uma asséptica vida virtual, que, dispondo da potência criativa, a ela se recusa, e dela se omitem. Promovendo a impotência e o niilismo.

É possível que, com o episódio de Realengo, e outros que avultam na sociedade, estejamos tendo uma significativa advertência com relação às conseqüências paroxísticas da negação da vida, e do conformismo e a acomodação a uma vida meramente virtual.

A negação da vida não é desprovida de conseqüências. A negação da vida espolia a vida, não a regenera, nem potencializa. E a reduz à impotência; e, com isso, ao niilismo, à vingança, e a destrutividade.

A negação da vida insidiosamente constitui assim a impotência, e a sua reiteração, a vontade de nada, o niilismo, nas suas formas de

ressentimento, de culpa e de ideal ascético. Que perpetuam o ciclo da impotência e do niilismo.

Assim, um desafio para a nossa sociedade, para nossa cultura, para a nossa história; para a educação, para a cultura familiar, para as religiões; é o de conseguirem se constituir, e afirmar, sem formarem do lado da negação da vida; e assim da promoção da impotência, e do niilismo.